



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O Uso do Samba de Enredo Como Ferramenta Didática Auxiliar
no Ensino de História: O Carnaval do ano 2000**

Trabalho de conclusão de curso
Orientador: Adolar Koch
Aluno: Helena Cancela Cattani
Porto Alegre, 21 de novembro de 2008.

Índice

Introdução	4
Capítulo 1 – O carnaval Carioca	6
Entrudo	7
Curso	9
Ranchos	10
Escolas de Samba	12
Capítulo 2 – O carnaval do ano 2000	20
O carnaval	20
Porto da Pedra	23
Grande Rio	23
Vila Isabel	24
Caprichosos de Pilares	25
Tradição	25
Mocidade	26
Portela	27
Unidos da Tijuca	27
Mangueira	28
Salgueiro	28
Imperatriz	29
União da Ilha do Governador	29
Beija Flor	30
Viradouro	31
Capítulo 3 – O samba na sala de aula	32
Ensino de História	32
Adividades Didáticas	35
Colégio de Aplicação	35
Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio	36
Conclusão	39
Bibliografia	41
Anexo 1 – Os sambas do ano 2000	43
Anexo 2 – Documento oficial da LIESA sobre o carnaval do 2000	57

*A Rafael Schuh
Por tudo.*

INTRODUÇÃO

O carnaval é a festa popular mais característica do Brasil. Hoje em dia os festejos carnavalescos não se limitam apenas a celebrações locais (ou religiosas), estendem-se a todo país, das mais diferentes formas. Os trios elétricos na Bahia, o frevo de Recife, ou os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro são diferentes formas de comemorar o início do período de Quaresma ou simplesmente o carnaval.

A festa de Carnaval tem seus primeiros registros na Antiguidade, através de festas pagãs gregas e romanas. Foi porém é na Idade Média que ela assumiu o formato religioso que a representa. O pesquisador André Diniz, em seu livro *O Almanaque do Carnaval*, credita a criação dos festejos carnavalescos a Igreja Católica.

"No ano de 604, o papa Gregório I ordenou que, durante um determinado período, os fiéis deixassem de lado as satisfações, a vidinha cotidiana de pecados e prazeres do corpo e se dedicassem ao enriquecimento do espírito. O período de abdição, chamado de Quaresma, duraria 40 dias – lembrando os 40 dias de jejum e privações passados por Jesus no deserto. Séculos depois, mais especificamente no ano de 1091, a Igreja resolveu precisar a data da Quaresma. Como havia o costume de se marcar a festa dos fiéis com as cinzas de uma fogueira em sinal de penitência, deu-se o nome de Quarta-Feira de cinzar ao início do período do abandono dos prazeres (...) que seria festejada 40 dias depois, no domingo de páscoa."¹

Esta perspectiva de 40 dias em abstinência, especialmente sem o consumo de carne, fez com que a sociedade medieval católica se organizasse em festa "para aproveitar ao máximo os últimos dias de prazeres mundanos antes de daro o 'adeus a carne' ou, em italiano, *carnevale*."² A responsável pela criação da festa de carnaval foi então a Igreja Católica.

O carnaval europeu, ao ser "importado" para o Brasil, sofreu muitas modificações, e hoje não é nada parecido com o carnaval brasileiro. O carnaval atual perdeu esta conotação religiosa e hoje é considerado uma festa popular. No Brasil é algo muito comum certa confusão ao pensar em carnaval. Esta festa não se restringe apenas ao Rio de Janeiro, por mais que as celebrações cariocas sejam as mais difundidas popularmente. Esta só é uma parte da grande festa que é o carnaval no Brasil, mesmo que ainda a base seja das celebrações iniciadas no Rio de Janeiro, como alguns blocos e desfiles de escolas de samba.

Munida deste interesse e gosto sobre o carnaval carioca, passei a questionar a possibilidade de um estudo acadêmico sobre o tema, para mim até então inexistente. Após uma pesquisa prévia observei e analisei as experiências criadas pelas universidades estadual

¹ DINIZ, André. **Almanaque do Carnaval**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 15-16

² Ibid., p. 16.

e federal do Rio de Janeiro, com seus centros de estudos e documentação carnavalescos, além do curso da Universidade Estácio de Sá sobre gestão de Carnaval. Juntamente a isso desenvolvi um grande interesse no trabalho realizado pelo historiador Rafael José Schuh, graduado pela UFRGS, ao utilizar sambas de enredo no ensino de história. Ao conversar com o Schuh sobre o assunto, ele me relatou acerca da resposta positiva que este projeto havia sido obtido junto aos alunos de ensino fundamental e médio, havendo uma resposta positiva na realização desta proposta. Quando tive a oportunidade, através da graduação no curso de História, de realizar meu estágio em docência, no Colégio de Aplicação da UFRGS e na Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio, utilizei esta proposta desenvolvida por Schuh e obtive a mesma resposta positiva.

Ao iniciar a pesquisa na utilização do samba de enredo como ferramenta didática auxiliar no ensino de história, fez-se necessário realizar um recorte temático, não sendo possível, em apenas 50 páginas, abordar amplamente a utilização geral do samba de enredo em sala de aula. Após uma breve pesquisa me deparei com os desfiles carnavalescos do Rio de Janeiro no ano 2000, onde todas as escolas apresentaram enredos referentes a história do Brasil. Relacionando meu interesse pessoal sobre o carnaval com esta experiência realizada por Schuh em sala de aula foi possível desenvolver uma pesquisa sobre este tema, abordando a questão de como utilizar o samba de enredo como ferramenta didática auxiliar no ensino de história.

Em um primeiro capítulo apresento um histórico do carnaval carioca. Desde suas origens portuguesas através do jogo de entrudo, passando pela criação dos blocos, corsos até chegar nas escolas de samba atuais e toda a estrutura que se insere os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro até hoje.

Após a apresentação deste histórico abordo mais especificamente, no segundo capítulo, a questão dos desfiles do ano 2000, inseridos nas comemorações dos 500 anos do Brasil. Analiso a forma como se formaram as comemorações do V Centenário da chegada dos portugueses ao Brasil, além dos desfiles de cada uma das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro daquele ano.

No terceiro e final capítulo apresento inicialmente um breve histórico acerca da formação do ensino de história no Brasil, partindo posteriormente para a apresentação das formas de leitura que se pode fazer do samba na sala de aula, apresentando dois exemplos deste tipo de trabalho em sala de aula, realizado no Colégio de Aplicação e na E.E. Florinda Tubino Sampaio.

CAPÍTULO 1 - O CARNAVAL CARIOCA

Existe um consenso no Brasil de sermos o país do carnaval. O diplomata brasileiro José Maria da Silva Paranhos Junior, conhecido como Barão de Rio Branco, no século XIX, já afirmava "No Brasil existem apenas duas coisas realmente organizadas: a desordem e o Carnaval"³. Para uma melhor compreensão da estrutura montada para os desfiles de carnaval do ano 2000, traço neste capítulo um breve histórico do carnaval carioca, das influências portuguesas até a criação da LIESA⁴.

Segundo o antropólogo Estélio Gomberg, em seu estudo sobre o desfile da G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, analisa certo paradoxo existente no atual carnaval brasileiro, afirmando que

"o cômico se expressa no carnaval de rua através de foliões e blocos fantasiados (...) por sua vez, nos desfiles das Escolas de Samba registra-se a ausência deste elemento, pois ele se caracteriza por outras formas de expressão além do cômico – uma estratégia popular que aspira à beleza, ao luxo e ao brilho"⁵

ou seja, há uma seriedade e profissionalismo nos desfiles das escolas de samba, alheios as celebrações populares de rua.

A festa de carnaval no Brasil atualmente mantém uma característica semelhante – desfiles de escola de samba, sambas de enredo, trios elétricos, porém esta homogeneidade é um aspecto recente pois, segundo o historiador José Carlos Sebe,

"pensando no carnaval brasileiro pode-se tranquilamente considerar que se trata de uma rede infindável de manifestações regionais que, através dos tempos, tem recebido um tratamento nivelador, tentando determina-las como se fossem uma única manifestação. Aspectos ideológicos, de nuances nacionalistas, tratam de aproximar as variações, diminuindo as diferenças, principalmente pelos efeitos da indústria cultural."⁶

O antropólogo Roberto Da Matta afirma que organização do povo brasileiro é voltada para uma exaltação das características malandras, de uma vida sossegada, em oposição a uma vida regrada. E esta representação carnavalesca de inversão das ordens sociais acaba se inserindo positivamente na cultura brasileira. No carnaval "raças, credos, classes e ideologias se comunicam pacificamente ao som do samba e da miscigenação racial, aqui vista como um traço quase hereditário dos portugueses."⁷

³ NICEAS, Alcides. **Verbetes para um dicionário do Carnaval Brasileiro**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.

⁴ Liga Independente das Escolas de Samba.

⁵ GOMBERG, Estélio. **O Enredo Tchê no Carnaval Carioca: o gaúcho no Desfile da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel em 1996**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.

⁶ SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Ática, 1986. p. 33

⁷ DAMATTA, Roberto. **Ensaios de Antropologia Estrutural – O Carnaval como rito de passagem**. Petrópolis: Vozes. p. 28

ENTRUDO

*"O povo abrilhantando
O festival de alegria,
Retratando trajés típicos de uma época.
Entrudo em sensacional euforia.
Salgueiro 1965 (História do Carnaval Carioca – Eneida)*

A primeira forma de celebração carnavalesca em território brasileiro é conhecida como Entrudo, em meados do século XVI. De origem portuguesa, esta festa, que segundo Diniz, era caracterizada "pela brincadeira de sujar uns aos outros com polvilho, pó de sapato ou farinha de trigo e de atirar limões-de-cheiro (limões recheados de água, urina ou outras coisas) em familiares ou vizinhos"⁸ e chegou ao Brasil via navegantes portugueses dos Açores, ao se aportarem no Rio de Janeiro. O primeiro registro do Entrudo é relatado no final do século XVI nas "Denúncias de Santo Ofício em Pernambuco" onde afirmava que "em 1553, o casal Diogo Fernandes e Branca Dias, moradores do Engenho Camarajibe, perto da cidade de Olinda, dera de comer algumas tainhas secas a seus trabalhadores, numa terça feira de entrudo."⁹

Era uma festa de rua, desenvolvida a céu aberto, não havendo música e dança, apenas bebedeira e brincadeira, o que acarretou uma forte associação com características violentas no Entrudo. Segundo Ferreira, as características urbanas até o século XIX eram propícias a associação violenta do Entrudo.

"Até o século XIX, os principais centros urbanos do país não eram locais convidativos ao passeio. Suas vias eram, em geral, sujas, estreitas sem calçadas para pedestres e pavimentadas com pedras irregulares.(...) Os membros das famílias de posse evitavam a todo custo sair às ruas. (...) O resultado disso era que os logradouros dos centros urbanos brasileiros eram espaços quase exclusivamente ocupados pelas classes subalternas, com grande destaque para os negros escravos."¹⁰

Mesmo sendo uma festa de caráter popular, a popularização do entrudo atingiu as classes mais altas, caindo no gosto até do Imperador.

"Não apenas as classes populares tornavam parte na brincadeira: as classes médias e altas aderiram à loucura e o próprio Imperador, D. Pedro I, seu filho, D. Pedro II, foram adeptos dos limões e seringas."¹¹

A jornalista e grande pesquisadora do carnaval carioca Eneida de Moraes ainda cita um relato do romancista Viriato Correa sobre a participação da família imperial nesta

⁸ DINIZ, André. Op. Cit. p. 17

⁹ FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Eidouro, 2004. p. 79

¹⁰ Ibid., p.89-90

¹¹ VALENÇA, Rachel. **Carnaval**: Para tudo se acabar na quarta feira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 14

“brincadeira terrível” como ela afirma. “Conta Viriato Correa que apesar de toda austeridade, D. Pedro II servia-se dos limões-de-cheiro e das bacias d’água para brincar o entrudo na Quinta da Boa Vista”¹²

Em 1857 o chefe da polícia da Corte lança um decreto proibindo em território nacional o jogo do Entrudo, havendo multa e prisão para aqueles que não cumprirem a lei. “Fica proibido o jogo de entrudo dentro do município; qualquer pessoa que o jogar incorrerá na pena de 4\$ a 12\$, e não tendo com que satisfazer sofrerá oito dias de cadeia.”¹³ Porém, curiosamente, Eneida salienta que esta lei só valia para escravos, não para a sociedade branca.

Em fins do século XIX o Entrudo já apresentava sinais de certa modernização, devido à concorrência que surgia com outras formas de comemoração, como as sociedades carnavalescas. Segundo a pesquisadora Rachel Valença, o declínio do entrudo no Rio de Janeiro deveu-se, no fim do século XIX, as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos. Criou-se uma nova mentalidade na cidade, a medida que esta se modernizava.

*"O confete, a serpentina e o lança perfume passaram a ser preferidos, considerados mais compatíveis com a elegância das novas avenidas que se abriram e que possibilitaram uma forma mais elegante e requintada de brincar."*¹⁴

O próprio Pereira Passos, em 1904, faz um apelo a população mais jovem para que não mantivessem a tradição do entrudo, pois não condizia com os novos costumes civilizados que a cidade do Rio de Janeiro possuía.

Uma outra alternativa que apareceu para quem estava cansado da violência do entrudo foi o Zé Pereira. Tratava-se de um cortejo popular organizado, com tambores. Essa manifestação foi pioneira na introdução da percussão nos cortejos. O primeiro Zé Pereira foi organizado em 1846. Vinte anos mais tarde, surgiam os primeiros cordões, claramente, uma evolução do Zé Pereira.

Um cordão consistia em um grupo de foliões, que se fazia anunciar por um estandarte. No início do século XX tiveram grande importância, havia até mesmo concursos espontâneos. Os donos de casas funerárias da Praça Onze³ manifestavam sua aprovação colocando na ponta do estandarte uma coroa de flores. Vencia quem atingisse o maior número de coroas. A estandarte era acompanhada pelo Baliza, que deveria proteger as coroas dos ataques adversários e é onde encontramos o protótipo do casal de mestre-sala e Porta-bandeira, característicos do desfile das escolas de samba.

¹² MORAES, Eneida de. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 23

¹³ Ibid., p. 24

¹⁴ VALENÇA, Rachel. *Op. Cit* p. 14

³ A praça Onze se constitui no local mais marcante do carnaval do Rio de Janeiro, sendo ponto de referência da festa na cidade

A tradição dos entrudos acabou perdendo espaço no novo século. As grandes avenidas e novas formas de celebração carnavalescas, mais civilizadas fizeram com que “o entrudo português porco e brutal fosse desaparecendo lentamente.”¹⁵ Nas primeiras décadas do século XX ele acaba finalmente perdendo sua força e desaparece porém, segundo Nicéas, “sob a forma de mela-mela, é restabelecido no Recife em 1960”¹⁶

CORSO

As batalhas do Boulevard

E os poetas da Vila Isabel

Belos corsos, pierrôs e colombinas

Sob chuvas de confetes e serpentinas

Vila Isabel 1982 – Noel Rosa e os poetas da Vila nas batalhas do Boulevard

Na primeira década do século XX, a cidade do Rio de Janeiro se modernizava através das reformas urbanas do prefeito Pereira Passos. As pequenas vielas davam lugar às largas avenidas e cortiços eram substituídos por edificações de melhor qualidade, tudo em nome da melhora nas condições de saneamento. Essa mudança desencadeou uma nova mentalidade na sociedade, incluindo a forma de celebrar o Carnaval. A alta sociedade carioca “influenciada pelo processo civilizatório europeu resolveu organizar formas de diversão que reproduzissem o carnaval branco e bem comportado do velho continente, diferenciando-se do que chamava de balburdia ou ‘africanização das festas’”¹⁷. Esta era a base em que se formou o Corso.

Os corsos eram cortejos de automóveis e/ou pequenos caminhões que conduziam os foliões em percurso pré-estabelecido. O primeiro corso ocorreu em 1907 quando as filhas do presidente Afonso Pena, “no dia 1º de fevereiro de 1907, às 17 horas, entraram na Avenida Central, em carro do palácio presidencial (...) acompanhadas pelo Dr. Edmundo Veiga, secretário da Presidência”¹⁸. A reação foi muito positiva e

*“parece que entusiasmou aqueles que no momento possuíam carros, e logo depois várias pessoas começaram a ir e vir pela Avenida, subindo-a e descendo-a em automóveis, enquanto jogavam um para o outro, serpentinas, confetes e até mesmo esguichadas de lança-perfume.”*¹⁹

Os desfiles de corso se tornaram extremamente populares, não apenas entre aqueles poucos detentores de automóveis, mas também entre a população em geral, que se espreguiçava ao longo da Avenida Central para assistir ao desfile dos carros e seus foliões. Porém este tipo de festejo durou pouco tempo.

¹⁵ MORAES, Eneida de. *Op. Cit.* p. 28

¹⁶ NICÉAS, Alcides. *Op. Cit.* p. 71

¹⁷ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 22

¹⁸ MORAES, Eneida de. *Op. Cit.* p. 124

¹⁹ MORAES, Eneida de. *Op. Cit.* p. 124

A popularização dos automóveis, em fins da década de 1910 e início da década de 1920, acabou inviabilizando a continuidade desta forma de celebração. O curso só existiu enquanto a quantidade de carros era ainda pequena e conseqüentemente "a cidade se modernizava, os carros a acompanharam e ao carnaval se impõe novos padrões de comportamento. O curso passou a ser coisa do passado"²⁰

RANCHOS

*Nos carnavais ranchos e blocos vão mostrar
Que em nossas veias correm notas musicais*

Imperatriz Leopoldinense 2009 – *Imperatriz... Só quer mostrar que faz samba também*

No início do século XX as celebrações carnavalescas já haviam se estabelecido no Rio de Janeiro, principalmente entre as classes populares. Entrudos, Cordões e os Bailes das Grandes Sociedades eram as principais formas de comemorar o carnaval. É nesta época, iniciando-se na verdade no final do século XIX, que surgem os ranchos.

Os ranchos são considerados pela historiografia carnavalesca como os antecessores diretos das Escolas de Samba. Existe um consenso entre os principais pesquisadores acerca da importância dos ranchos na formação da estrutura carnavalesca atual. Segundo Gomberg, os ranchos surgem inicialmente como oposição as grandes sociedades, tendo como base os negros dos morros próximos à zona central do Rio de Janeiro. A professora e pesquisadora Cristina Tramonte traça um paralelo entre os ranchos e as escolas de samba, afirmando que "a diferença entre as duas formas será fundamentalmente o samba: a ginga, as evoluções, o número de figurantes e a poderosa bateria em substituição a pequena orquestra convencional dos ranchos."²¹ Eneida apresenta um aspecto organizacional dos ranchos, ainda novo para as demais celebrações carnavalescas, ao afirmar que "os ranchos eram cordões mais civilizados, (...), pelo menos mais completos, pois já aparecia o elemento feminino. O conjunto instrumental era acrescido por instrumentos de cordas, violões e cavaquinhos."²² Segundo Diniz os ranchos possuíam certas regras, não existentes nos entrudos e corsos, o que gerava um nível organizacional da maior parte deles.

"Para serem considerados ranchos carnavalescos, era necessário que na abertura do carnaval os grupos passassem pelas residências das tias baianas – negras importantíssimas para a cultura dos migrantes nordestinos – e fossem referendados por elas. Só depois de cumprido este ritual o rancho estava habilitado a desfilar."²³

²⁰ VALENÇA, Rachel. Op. Cit. p. 26

²¹ TRAMONTE, Cristina. **O samba conquista passagem:** As estratégias e a ação educativa das escolas de samba. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

²² MORAES, Eneida de. Op. Cit. p. 113

²³ DINIZ, André. Op. Cit. p. 21

O Rancho é uma festa tradicional do interior do nordeste, ligada aos festejos natalinos. Normalmente era formado por "um grupo de pessoas que supostamente se dirigiam a Belém, a fim de visitar o menino Jesus; no caminho paravam nas casas das famílias, cantavam, comiam e prosseguiram viagem."²⁴ Este tipo de festa foi trazida ao Rio de Janeiro no final do século XIX pelo baiano Hilário Jovino Ferreira, fundador do primeiro rancho carnavalesco, o Rei de Ouro. Foi Ferreira também que desassociou os ranchos ao calendário de festas religiosas, transportando-o ao período de carnaval.

No século XIX os ranchos ainda não eram muito populares, reduzindo-se apenas as comunidades em que se localizavam. Foi no início do século XX que o panorama passa a ser modificado e os ranchos passam a atingir sua devida importância quando,

*"em 1908, por ocasião de um rancho inovador, que introduziu importantes alterações na estrutura do desfile desse tipo de agremiação: o Ameno Resedá. Esse rancho teve a coragem de romper com a estrutura processual de caráter religioso e folclórico"*²⁵

Foi na Praça XI, famoso reduto da história do samba, que ocorreram inicialmente os desfiles dos Ranchos durante o Carnaval. A competição entre os Ranchos, iniciada na década de 1910, é a precursora dos atuais campeonatos entre as escolas de samba. Na segunda-feira do carnaval os Ranchos desfilavam e o melhor deles ganhava um troféu. As apresentações dos ranchos possuíam características próprias, inovadoras para a época e eram consideradas

*"muito mais vivas, pois eles ostentavam uma variedade de vestimentas vistosas, ouropéis e lanterinhas e a música era feita por violões, violas, cavaquinhos, canzás, pratos e ata flautas. Os pastores e as pastoras cantavam, pelas ruas, alegres chuilas e seus membros vestiam-se de cores variadas."*²⁶

Havia ainda um tipo específico de música, a marcha-rancho, uma das tantas características dos ranchos apropriadas pelas escolas de samba.

O auge da popularidade dos Ranchos ocorreu durante as décadas de 1920 e 1930. A imprensa teve um importante papel neste aspecto. Por considerar os ranchos uma forma civilizada de celebrar o carnaval, em comparação com os Entrudos, os jornais, como a Gazeta de Notícias, que patrocinavam e exaltavam as qualidades dos ranchos. Porém o maior aliado dos ranchos foi o Jornal do Brasil pois promovia "o desfile desses grupos, dando prêmios e incentivando-os a manter essa verdadeira tradição do carnaval carioca. Deve-se pois ao Jornal do Brasil o prestígio e o desenvolvimento que tiveram os ranchos em nosso carnaval"²⁷ Essa popularidade se expandiu para a intelectualidade e política brasileiras, onde muitos eram adeptos dos ranchos.

²⁴ SEBE, Carlos. *Op. Cit.* p. 41

²⁵ VALENÇA, Rachel. *Op. Cit.* p. 32

²⁶ SEBE, José Carlos. *Op. Cit.* p. 42.

²⁷ MORAES, Eneida de Op. Cit. p. 116

Com o início das escolas de samba e sua crescente popularização, os ranchos acabam começando a perder espaço a partir da década de 1940. Os investidores dos ranchos, geralmente comerciantes locais, passam e se desinteressar em patrocina-los, visto que não são mais um evento lucrativo e seus participantes migram para as recém criadas escolas de samba.

ESCOLA DE SAMBA

Vem, acende a chama

Da nossa história

Vamos exaltar a escola de samba

Nosso panteon de glória

Tradição 1988 – *O melhor da raça, o melhor do carnaval*

A carnavalesca Rosa Magalhães define escola de samba como “uma espécie de clube [de futebol], cujo objetivo principal é o desfile de carnaval.”²⁸ Este objetivo cria uma forte união entre os freqüentadores das escolas que, segundo a musicista Luciana Prass, em seu estudo sobre os saberes musicais na bateria da escola de samba de Porto Alegre Bambas da Orgia, seus integrantes “buscam suprimir os conflitos e as diferenças entre si, submersos num objetivo comum”²⁹ O desfile carnavalesco é o grande momento da vida dos integrantes das escolas. Suas vidas tão simplórias e pacatas modificam-se durante o desfile e lá tornam-se os grandes personagens da festa.

As escolas de samba incorporaram muito das formas já existentes de celebrar o carnaval. Diniz afirma que

*“o legado que blocos, ranchos, cordões e sociedades deixaram para a história das escolas de samba é muito claro. Podemos até dizer que as escolas de samba são uma síntese de todos esses movimentos carnavalescos: o enredo, os grandes carros alegóricos, as alas, as instrumentações, a beleza, o mestre sala e a porta bandeira, as mulheres bonitas.”*³⁰

A escola de samba possui um modelo social único. Diferentes tipos, com diferentes formações e instruções se reúnem em um mesmo patamar. Não existe um padrão hierárquico social estabelecido.

As escolas de samba surgem no Rio de Janeiro no final da década de 1920, quando os compositores Heitor dos Prazeres, Ismael Silva, Alcebíades Barcelos, Nilton Bastos, Silvio Fernandes e Benedito Lacerda fundam a primeira escola chamada Deixa Falar, no bairro do Estácio, zona central do Rio. Este nome tem origem devido a intenção dos fundadores em “responder com superioridade aos demais bairros, que sempre passavam por suas diferenças

²⁸ MAGALHÃES, Rosa. **Fazendo Carnaval**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. p. 15

²⁹ PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de Escola de Samba**: uma etnografia entre os Bambas da Orgia. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004. p. 40

³⁰ DINIZ, André. **Almanaque do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

e se uniam contra o Estácio, apenas por que este se intitulava, orgulhosamente, de Rei do Samba.”³¹ Segundo Diniz, a Deixa Falar pode ser “considerada a pioneira organização de sambistas no molde segundo o qual hoje se configuram as agremiações carnavalescas”³² O crítico musical José Ramos Tinhorão acaba destacando um processo segregacionista na formação das escolas de samba.

"Assim, formadas dentro de um espírito de organização imitado da estrutura dos ranchos, com elementos tirados ainda dos desfiles das grandes sociedades, essas primeiras escolas de samba representavam a prova mais ostensiva da nova decantação social, após o êxodo forçado das camadas mais humildes do dentro da cidade.”³³

Ferreira afirma que

"a idéia de se associar as palavras escola e samba surgira a partir da necessidade de aceitação que os chamados grupos de samba de morro passaram a ter a partir de finais da década de 1920, buscando uma denominação própria que facilitasse sua identificação e sua incorporação à sociedade.”³⁴

A base da história carnavalesca foi transmitida através da tradição oral, geralmente pelos bambas do samba – figuras importantes para as comunidades carnavalescas, ou, como cita Nicéas, “sambista que sabe dizer no pé”³⁵. A história dos principais personagens do samba acabam sendo a própria história do carnaval, como por exemplo, “a história de Paulo da Portela, confunde-se com o surgimento do próprio samba carioca. São vários os depoimentos que o colocam como brilhante orador e grande liderança, um verdadeiro professor, como era chamado e lembrado até hoje por vários sambistas.”³⁶ Então é muito comum ocorrerem versões contraditórias sobre um mesmo fato ou passagem, pois estes bambas costumam privilegiar suas agremiações ou, popularmente falando, “puxam a brasa pro seu assado”. Um destes casos de discordância ocorre com a criação do termo “Escola de Samba”. Um dos fundadores da Deixa Falar, “o compositor Ismael Silva, dizia que o nome escola de samba surgiu por que no Estácio (...) estava localizada uma Escola Normal. ‘Se havia uma escola de professores, por que não uma de samba?’ Almirante³⁷, por sua vez, afirma que o nome foi originário da expressão Escola, Sentido!, muito em voga na época por causa dos exercícios do tiro de guerra”³⁸. Mas o nome escola de samba, acabou surgindo “da finalidade a que elas se destinavam: ensinar a dançar o samba”³⁹

A criação das escolas de samba acompanha o processo de ocupação dos morros. O populacho sobe o morro e de lá cria sua escola, sua identidade cultural. As escolas de samba

³¹ NICÉAS, Alcides. *Op. Cit.* p. 62

³² DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 60

³³ TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular: Um tema em debate.** São Paulo: Editora 34, 1997.

³⁴ FERREIRA, Felipe. *Op. Cit.* p. 339.

³⁵ NICÉAS, Alcides. *Op. Cit.* p. 30

³⁶ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 111

³⁷ Henrique Fôreis Domingues, compositor de marchas carnavalescas.

³⁸ NICÉAS, Alcides. *Op. Cit.* p. 71

³⁹ MORAES, Eneida de. *Op. Cit.* p. 229

que vão acabar ditando certa ordem para o carnaval carioca. Essa ordem pode ser percebida mais explicitamente em 1935 quando foi criada a União das Escolas de Samba, o que propiciou um caráter mais oficial ao carnaval. Isso acabou sendo fundamental para as comunidades carnavalescas, que eram, em sua maioria, representantes de uma parte marginalizada da sociedade.

*"O grande salto no sentido da institucionalização das escolas de samba foi dado em 1935, quando todas foram obrigadas a se registrar oficialmente debaixo da sigla GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba). Por esta época os ranchos e blocos já estavam em declínio e a praça Onze passava a ser o palco do grande espetáculo que se transformava o carnaval carioca."*⁴⁰

Em contraposição a esta institucionalização do carnaval, Valença afirma que, para as autoridades policiais este tinha outros objetivos.

*"Podemos, porém, ver facilmente, por trás dessa medida, a clara intenção das autoridades de controlar uma manifestação espontânea do povo, tentando torná-la inofensiva. Oficializando e subvencionando o desfile, estaria afastado o suposto perigo oferecido por elementos suspeitos, que representavam uma ameaça a sociedade."*⁴¹

Esta ordem ao carnaval veio com um certo custo. Entre as décadas de 1930 e 1950 o enredo⁴² das escolas deveria abordar temas nacionalistas, segundo Diniz "havia um processo de normatização dos desfiles, e a temática nacional, patriótica, fora instituída oficialmente pelo governo brasileiro"⁴³. Durante as primeiras décadas as escolas de samba se estabeleciam como espetáculos carnavalescos. Ainda se assemelhavam muito aos ranchos na forma de desfile e de criação do carnaval. O Samba de enredo ainda ganhava forma e seus temas "abordavam principalmente a História do Brasil, em geral retirada de livros escolares, retratando as grandes batalhas, os fatos políticos e seus personagens. É a fase dos enredos ufanista-nacionalistas."⁴⁴

Foi na década de 1940 que começam a surgir os primeiros sambas enredo.

*"A prática de adequar o samba ao enredo – o samba-enredo – origina-se nesta época. (...) A partir da década de 40, quando o samba cantando durante o desfile começa a aparecer mais estruturado, as escolas vão também tendendo a organizar-se mais e as preocupações crescem."*⁴⁵

Em 1946, mesmo não sendo obrigatório as escolas, Farias registra pela primeira vez a utilização de temática única nos desfiles, onde todas as escolas exaltaram a vitória aliada na II Guerra Mundial. Neste ano os festejos ficaram conhecidos como "Carnaval da Vitória".

⁴⁰ SEBE, José Carlos. *Op. Cit.* p. 71

⁴¹ VALENÇA, Rachel. *Op. Cit.* p. 56

⁴² Utilizo aqui a definição de enredo de Julio César Farias- "Entende-se por enredo o tema abordado pela Escola de Samba. Geralmente constitui-se de uma narração de uma história – que pode ser um fato, um conceito, uma crítica, dados biográficos, etc – numa sucessão de acontecimentos, desenvolvendo subtemas, a partir de pesquisas e adaptados às características da Escola. FARIAS, Julio César. **O Enredo de Escola de Samba**. Rio de Janeiro: Litteris, 2007. p. 14

⁴³ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 57

⁴⁴ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 18-19

⁴⁵ TRAMONTE, Cristina. *Op. Cit.* p. 54-55

Em 1944 a tão cantada Praça Onze cede, devido a grandiosidade que os desfiles estavam atingindo, seu lugar como palco das escolas de samba para a Avenida Presidente Vargas.

Em 1965, em virtude da comemoração ao quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, foi realizado oficialmente o primeiro desfile monotemático da história do Carnaval carioca. Todas as escolas foram obrigadas a apresentar temas referentes à cidade. A escola vencedora do campeonato daquele ano foi o Acadêmicos do Salgueiro, com um desfile intitulado "História do Carnaval Carioca – Eneida", assinado pelos carnavalescos Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues.

Fernando Pamplona, juntamente com o Salgueiro, são os responsáveis pela primeira revolução nas escolas de samba cariocas, em aspectos musicais e técnicos. Em 1960 o artista plástico da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, Fernando Pamplona, foi convidado pela diretoria da G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro para desenvolver um desfile sobre o Quilombo dos Palmares. É o primeiro momento em que uma elite cultural se insere dentro deste reduto marginalizado. "No final dos anos 50, teve início o intercâmbio de mão-de-obra artística da Escola Nacional de Belas Artes com o carnaval carioca. Começava, então, a introdução de pessoas com formação acadêmica no processo de realização do carnaval das escolas de samba."⁴⁶ Além desta importante mudança estética outro ponto importante é a escolha feita pelo Salgueiro como tema do desfile.

"Começou com a presidência de Nelson Andrade, durante a qual a escola adotou uma postura política até então inédita: Trazer para o primeiro plano o negro. Embora a grande maioria dos sambistas fosse afro-descendente, os enredos até então não contemplavam a cultura negra. Pois o Salgueiro partiu para a avenida com enredos como 'Navio Negreiro' (...) de 1957, cujo conteúdo é obviamente ligado às tradições afro-brasileiras e o tema da escravatura."⁴⁷

A escolha de um enredo sobre o negro como tema do carnaval gerou um certo problema na comunidade do Andaraí. A ideia de uma temática negra não foi naturalmente aceita, pois os componentes da escola, em sua maioria afro-descendentes, haviam incorporado os temas carnavalescos como a história oficial, a história do Brasil branco.

"É essa a razão que explica o fato de o cenógrafo Newton de Sá, responsável pela execução do enredo Quilombo dos Palmares, ter encontrado em 1960 a maior dificuldade para conseguir um grupo de pretos do Salgueiro dispostos a sair fantasiados de escravos, com tangas de algodão"⁴⁸

As escolas e seus compositores, até aquele momento, haviam dado uma maior preferência por temas de uma história oficial branca, ao invés de exaltar sua realidade, sua luta.

⁴⁶ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 19

⁴⁷ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 73

⁴⁸ TINHORÃO, José Ramos. *Op. Cit.* 93-94

A partir do ingresso de Pamplona como carnavalesco "havia acabando a era da ditadura da historiografia oficial no carnaval. Pamplona e seus sambistas partiram em definitivo para as histórias dos desvalidos, dos negros e dos não-historiografados."⁴⁹ Inicia-se uma nova fase nos enredos carnavalescos, que se mantém até o final dos anos 1980, com características de "abordagens sociológicas, literárias, folclóricas e de velada crítica social, a despeito da repressão imposta pela ditadura militar."⁵⁰ Enredos ligados a história negra passam a ser mais constantes nos desfiles, porém, abordando, ironicamente, apenas as grandes figuras e lideranças, como os reis africanos ou importantes defensores da abolição.

É também na década de 1960 que "surgiram os patronos das Escolas de Samba, representados pelos banqueiros do Jogo do Bicho, que passaram para a história do mecenato como uma das poucas categorias de homens ricos a investirem na forma popular"⁵¹ Os bicheiros, como são conhecidos estes contraventores, acabaram gradativamente substituindo os comerciantes locais no apoio financeiro a realização do desfile.

Enquanto o Brasil mergulhava no período mais duro da Ditadura Militar, os desfiles das escolas de samba iam em direção contrária e durante toda a década de 1970 os desfiles sobre a cultura afro-brasileira e seus ícones desfilam na avenida. Os anos de chumbo foi uma época "em que as escolas de samba tinham que driblar a censura para apresentar as críticas a realidade vigente."⁵² Fernando Pamplona abriu as portas não somente a entrada da cultura erudita nas escolas de samba, assim como da utilização do negro como enredo de samba. Através da consolidação da figura do carnavalesco e a inserção deste personagem vindo de fora, estranho a comunidade local, que surgem para o carnaval grandes carnavalescos, como Maria Augusta, Rosa Magalhães, Arlindo Rodrigues e Joãozinho Trinta.

Joãozinho Trinta é o grande personagem do carnaval da década de 1970. Conquistou, entre Salgueiro (1974 e 1975) e Beija Flor de Nilópolis (1976, 1977 e 1978) cinco campeonatos seguidos. A importância de Joãozinho Trinta possui uma enorme importância na evolução estética do desfile de carnaval. "Na década de 1970, os carros alegóricos crescem para cima, o que ficou conhecido como 'verticalização do carnaval', isto é, passaram a ser vistos de cima, das arquibancadas, e ganhavam entorno mais barroco"⁵³ e Joãozinho Trinta passa a ser conhecido como o carnavalesco do carnaval de luxo, transformando a noção que se havia sobre o uso de fantasias e cores.

⁴⁹ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 74

⁵⁰ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p.28

⁵¹ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 21

⁵² FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 29

⁵³ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 21

A última grande revolução no carnaval carioca ocorre em 1984, com a criação do Sambódromo e da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). Construída em 120 dias para abrigar o carnaval de 1984, o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, teve sua obra executada durante o governo de Leonel Brizola a partir do projeto do arquiteto internacionalmente renomado Oscar Niemeyer. Em um contraponto a esta modernização, "o carnaval ficou caro demais para a maior parte dos foliões que brincavam nas ruas e nas escolas que passavam pela Presidente Vargas. Os desfiles foram apelidados de 'carnaval-edifício', visto que as arquibancadas são posicionadas na mesma altura dos grandes carros alegóricos, deixando o samba no pé como um pequeno detalhe. Para que uma escola tenha chance de ganhar, é preciso gastar milhões."⁵⁴ Um exemplo desta verticalização do carnaval, iniciada pelos desfiles de Joãosinho Trinta, é o relato da carnavalesca Rosa Magalhães acerca das fantasias para o desfile.

*"Elementos como as sombrinhas das damas, bastante tradicionais no carnaval, são verdadeiramente irresistíveis, e o movimento que provocam, vista de longe, é muito bonito. Face as dimensões do Sambódromo, esses elementos, além de muito atraentes, servem ainda para alongar a proporção da figura humana."*⁵⁵

O desfile das escolas de samba passou a ser algo profissionalizado, as construções carnavalescas passam a ser construídas dentro dos barracões, desfiliando-se de um caráter amadorístico que a constituíam. Esta profissionalização não foi apoiada com unanimidade pelo mundo do samba, expressado na letra do samba do Império Serrano de 1982 *Bum-bum Paticumbum Prugurumdum* "Super Escolas de Samba S.A. Super alegorias Escondendo gente bamba Que covardia"

Também em 1984, porém em julho, outro grande acontecimento marca a história do carnaval carioca. Descontentes com os rumos que a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro estava levando o rumo do carnaval, os representantes das dez principais escolas de samba do momento (Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Estação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel) decidiram fundar a Liga Independente das Escolas de Samba. Esta organização passou a gerir o desfile das principais escolas do Rio de Janeiro, e atualmente é a principal responsável pela realização do desfile do grupo Especial.

Enquanto a ditadura militar censurava abertamente muitas das formas de expressão cultural no Brasil, foi após o fim deste regime que o carnaval encontrou uma maior repressão a seus desfiles. A nudez, que segundo DaMatta, "pode-se dizer, sem exagerar, que no carnaval o corpo é despido e o normal é uma nudez, senão física (como acontece

⁵⁴ DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 45

⁵⁵ MAGALHÃES, Rosa. *Op. Cit.* p. 46

frequentemente), ao menos social,⁵⁶ é tomada como uma afronta a moral católica. A grande vilã dos desfiles das escolas de samba passa a ser a Igreja Católica, como cita o exemplo de Farias acerca do carnaval do ano 2000.

"Em 2000, a modelo Ângela Bismark, no desfile da Porto da Pedra, ano de temática dos 500 anos, teve que desfazer as pressas, no final do desfile, a pintura corporal da bandeira nacional, devido a ameaça de ser detida por desacato a um símbolo da Pátria. Nesse mesmo ano, a Unidos da Tijuca teve a pintura de Nossa Senhora da Boa Esperança apreendida em seu desfile."⁵⁷

Ou ainda o famoso Jesus Cristo mendigo criado por Joãosinho Trinta para o desfile "Ratos e Urubus larguem minha fantasia", que foi coberto, por ordem da Igreja, através de mandato judicial. Porém, na irreverência carnavalesca de Joãosinho, o Cristo coberto foi a avenida, e na sua frente os dizeres "Mesmo proibido, Olhai por nós".

Os desfiles da década de 1980 são marcados "pela influência do tropicalismo e ganham uma estética visual mais moderna e enredos mais comportamentais e menos históricos."⁵⁸ Há uma continuidade destes na década de 1990, marcada por uma "extensão temática dos enredos, com abordagens antropológicas e existenciais, crítica social, humor, temas universais, abertura a temas estrangeiros e, principalmente, a ênfase na captação financeira, configurando o enredo de patrocínio."⁵⁹



O Jesus Cristo de Joãosinho Trinta no carnaval de 1989 – Mesmo Proibido, Olhai por nós

Durante a década de 1980 esta grandiosidade dos desfiles foi possível devido ao patrocínio dos bicheiros. A maioria das escolas possuía alguma fonte de renda proveniente do jogo do bicho. Diferentemente dos patrocínios que ocorrem hoje em dia, onde só são patrocinadas as escolas se tratarem de certo assunto, os bicheiros davam liberdade total a escola e aos carnavalescos para a criação de seus desfiles. A década de 1980 é marcada por sambas de caráter maior de crítica social, devido a abertura política ocorrida no Brasil.

Esta característica de enredos patrocinados é mais comum na segunda metade da década de 1990, pois

"até 1996, os temas dos enredos referiam-se quase que exclusivamente à História do Brasil e a seus personagens, homenageando cidades e estados brasileiros, nossos costumes e as lendas e mitos do folclore nacional. A partir daí, os temas estrangeiros passaram a ser aceitos pela legislação do quesito, por se pressuporem

⁵⁶ DAMATTA, Roberto. *Op. Cit.* p. 43

⁵⁷ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p.30

⁵⁸ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 23

⁵⁹ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 28

*esgotados os nacionais e também para se buscarem patrocínios nas empresas multinacionais e por parte dos países homenageados.*⁶⁰

A década de 1990 também é marcada pelos desfiles tecnicamente perfeitos. Duas escolas despontam como as principais da década – Mocidade Independente de Padre Miguel e Imperatriz Leopoldinense. E a carnavalesca da Imperatriz, Rosa Magalhães surge como a “carnavalesca dos desfiles perfeitos”, ganhando cinco campeonatos (1994-1995-1999-2000-2001) e se tornando a maior vencedora da era do sambódromo.

Para muitos críticos, as escolas de samba, assim como foi idealizada pelos bambas do Estácio ao criar a Deixa Falar, morreram. Hoje o que existe é apenas uma competição entre carnavalescos, compositores e sambistas, o espírito do desfile de escola de samba não existe mais. Porém essa crítica não é recente no mundo do samba. O grande compositor manguerense Cartola escreveu, junto com Carlos Cachça, em 1961 o samba Tempos Idos. Cantavam os seguintes versos.

*Os tempos idos
Nunca esquecidos
Trazem saudades ao recordar
É com tristeza que eu relembro
Coisas remotas que não vêm mais
Uma escola na Praça Onze
Testemunha ocular
E junto dela balança
Onde os malandros iam sambar
Depois, aos poucos, o nosso samba
Sem sentirmos se aprimorou
Pelos salões da sociedade
Sem cerimônia ele entrou
Já não pertence mais à Praça
Já não é mais o samba de terreiro
Vitorioso ele partiu para o estrangeiro
E muito bem representado
Por inspiração de geniais artistas
O nosso samba de, humilde samba
Foi de conquistas em conquistas
Conseguiu penetrar o Municipal
Depois de atravessar todo o universo
Com a mesma roupagem que saiu daqui
Exibiu-se para a duquesa de Kent no Itamaraty*

O carnaval carioca sofreu mudanças de acordo com as mudanças sociais ocorridas na história do Brasil. Os desfiles atuais não são melhores nem piores que as apresentações dos ranchos na Praça Onze ou a carreata do Corso na Avenida Central, são apenas diferentes. Assim como é o lema do Salgueiro “Nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente.”

⁶⁰ FARIAS, Julio César. *Op. Cit.* p. 24

CAPÍTULO 2 – O CARNAVAL DO ANO 2000

O início da transmissão do desfile das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro do ano 2000 pela Rede Globo de Televisão trazia a imagem de uma mulata, estilizada de índia, sambando em um cenário que remetia a floresta amazônica. Sobrepoem-se a ela então uma série de imagens marcantes da história recente do Brasil, enquanto era proferido o seguinte texto.

"O sonho dos navegantes. O paraíso descoberto do outro lado do mundo. Na terra de tantas riquezas nasceu um povo índio, branco e negro. Um povo que inventou a alegria, que inventou o carnaval. São 500 anos de um Brasil que luta e se diverte, que ama e perdoa, que chora e sorri. No coração que bate forte no ritmo do samba, na alma do artista, que inventa a alegria até o dia clarear. Na emoção de ser campeão por mais um carnaval. O Brasil faz 500 anos e chegou a hora de fazer a festa. A maior festa do mundo. As escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro embarcam na história e pedem passagem para comemorar juntas o aniversário do Brasil. Este aniversário que é nosso, é de cada um de nós. E a Globo, direto da Marquês de Sapucaí mostra a festa pra você. É o povo brasileiro na passarela do samba, é o povo brasileiro no carnaval Globeleza."⁶¹

Esta visão do Brasil como um país de festa, os inventores do carnaval, é analisada pelo antropólogo Roberto da Matta ao afirmar que

"de fato a definição do Brasil como um país cuja a invenção tem como referência o carnaval, como uma terra onde as relações entre índios e brancos é definida por um beijo entre Ceci e Peri, traduz claramente a perspectiva onde as relações entre categorias, eventos e pessoas são sempre tomadas como pessoas não parecendo haver lugar para a autoridade e para a definição mais rigorosa de posições sociais, os instrumentos críticos da rotina."⁶²

Esta temática de comemoração do "Aniversário do Brasil" é recorrente nas celebrações ocorridas durante o ano 2000. O governo federal se torna o condutor deste enredo, criado por ele mesmo, e acaba assim ordenando como a festa deve ser feita. A antropóloga Kelly Cristiane da Silva em um artigo referente às celebrações dos 500 anos do Brasil, ressalta o importante papel da Rede Globo de Televisão ao criar, junto ao governo, os festejos do chamado "Descobrimento do Brasil". Através da vinculação de programas especiais na televisão e também do relógio dos 500 anos foi possível despertar a necessidade nacional da festa. Ela possui um aspecto muito mais mercadológico do que cultural, sendo a história oficial do Brasil revitalizada, porém ainda sim excluindo aqueles que não pertencem a esta história. Concomitantemente a esta transformação da festa dos 500 anos em um produto consumível, o estado, segundo Da Silva, "assume literalmente, que uma das funções das comemorações dos 500 anos é oferecer à nação elementos para a

⁶¹ Retirado do desfile da G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra.

⁶² DA MATTÁ, Roberto. *Op. Cit.* p. 20 .

construção de uma memória coletiva⁶³ Os projetos culturais ao nível nacional transpassam essa unidade histórica brasileira, em especial o mito do brasileiro ser um povo que representa a mescla das três raças (o branco europeu civilizado, o índio místico e ligado a natureza e o negro trabalhador). Segundo Da Silva a

"afirmação de que o Brasil é formado a partir da mistura de três raças é a tônica do projeto Chama do Conhecimento⁶⁴. A percepção de que esta mistura deu origem a uma nação multi-cultural parece ser a mensagem transmitida através da temática diversidade artística nacional. A diversidade artística é tomada como um ícone de uma nação multi-cultural."⁶⁵

Esta formação fracionária do povo brasileiro apresenta-se comumente na história oficial do Brasil, a mesma que o governo federal mantém presente nas comemorações do V centenário. Esta prática, em relação à formação de uma identidade nacional, é questionada pelo pesquisador Octavio Souza quando afirma que "a busca de identidade nacional [apresenta-se] muito mais como um sintoma das condições históricas em que o Brasil se viu na iminência de passar à condição de Estado nacional, do que como um projeto ao qual sentiam-se [o povo] compelidos a adicionar seus esforços pessoais, imaginativos e teóricos"⁶⁶. A crítica do autor insere-se na discussão de haver mais povos que formaram o chamado 'cidadão brasileiro', assim como diferentes culturas.

A estrutura de comemoração criada pelo governo brasileiro, com um forte apoio da mídia e de empresas privadas, se assemelha muito a criada na América Latina em 1992, quando completou-se 500 anos da chegada de Colombo a América. E, assim como ocorreu no início da década de 1990, no Brasil também ocorreu uma grande discussão teórica acerca do uso dos termos "conquista" e "descobrimento". Segundo Fábio Kuhn "geralmente o termo descobrimento está associado a uma produção historiográfica, realizada em padrões tradicionais, saudosa dos grandes nomes e eventos e vanglorizadora de efemeridades."⁶⁷ No caso do "aniversário do Brasil", como foi chamado popularmente o fato, no qual nossa certidão de nascimento era a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel I, o termo utilizado para se referir a chegada dos portugueses era "descobrimento", validando assim a história oficial do Brasil. Muitos são os debates acerca do uso do tema, porém são renegados a um segundo plano, não havendo interesse de levar essa discussão a um primeiro plano.

⁶³ DA SILVA, SILVA, K. **A Nação Cordial – Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de "comemoração dos 500 anos do Brasil**. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n. 51. Fevereiro de 2003.

⁶⁴ Projeto que consistia na "entrega ritual de três tochas (...) ao presidente da república por representantes das comunidades indígenas, populações afro-descendentes e portuguesas". (DA SILVA, 2000)

⁶⁵ SILVA, K. Op. Cit. p. 147

⁶⁶ SOUZA, O. **Fantasia de Brasil – As identificações na busca da identidade nacional**. São Paulo: Escuta, 1994.

⁶⁷ KUHN, Fabio. **A Reinvenção do Brasil: Considerações em trono dos 500 anos**. IN: ANOS 90, n. 13, julho de 2000.

Para entender este processo de comemoração dos 500 anos do Brasil “é preciso considerar que as ideologias oficiais a respeito dos ‘500 anos de descobrimento’ foram produzidas em um contexto específico”⁶⁸. O Estado assumiu um papel de narrador de uma ‘história oficial’, e junto com “a mídia (...) teve papel fundamental. (...) [Eles] literalmente produzi[ram] os “500 anos do Brasil” como fato e evento a ser lembrado, “comemorado e vendido.” A reprodução da primeira missa em Porto Seguro, a travessia naval entre Portugal e Brasil, foram alguns dos eventos criados para as comemorações. O objetivo do carnaval carioca para o ano 2000 não foi criar também uma ‘história oficial’, mas sim “integrar o desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial às Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil”⁶⁹

A forma encontrada pelo governo brasileiro para iniciar o ano das comemorações dos 500 anos foi através do carnaval. “Atendendo a solicitação do Itamaraty, a Liga Independente das Escolas de Samba e a Prefeitura do Rio de Janeiro propuseram que se realizasse, no ano 2000, o segundo carnaval temático, em face às comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, com enredos alusivos aos cinco centenários da nossa história.”⁷⁰ Então, em junho de 1999, “por determinação de sua Presidência, a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – LIESA – decidiu criar um grupo de trabalho com o objetivo de selecionar e sugerir temas da História do Brasil a serem desenvolvidos pelas escolas de samba do Grupo Especial em seus enredos comemorativos do V Centenário do Descobrimento do Brasil.”⁷¹ Este grupo de trabalho foi composto pelo historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, pelo jornalista Felipe Ferreira e pelo pesquisador de carnaval Hiram Araújo. A eles coube então definir uma lista de temas para que as escolas de samba pudessem desenvolver seus enredos.

O criador do enredo é o carnavalesco; ele é aquele que é responsabilizado pela escolha temática e por muitas vezes pela criação da letra do samba. Porém ele, segundo Maria Cavalcanti, não se relaciona mais diretamente com a comunidade da escola de samba. No início dos desfiles do carnaval havia “uma identidade de discurso: o carnavalesco e o compositor, se não eram a mesma pessoa, eram membros da comunidade, com o mesmo grau de instrução e condições de vida idênticas.” (CAVALCANTI, 1999). Com a profissionalização do carnaval, em fins dos anos 70, os carnavalescos, entre outros cargos das escolas, passaram a ser contratados, tornaram-se profissionais. A ligação entre a comunidade e a escola acaba diminuindo.

⁶⁸ SILVA, K. Op. Cit. p. 146

⁶⁹ A liga... Op. Cit.

⁷⁰ FARIAS, Julio César. Op. Cit. p. 43

⁷¹ Regulamento da LIESA para o carnaval do ano 2000.

Ao desenvolver este projeto de temas sobre a história do Brasil, a comissão explicita que quer evitar um desenvolvimento didático sobre o tema, afirmando que “a apresentação dos temas no desfile carnavalesco não obedecerá a ordem cronológica, uma vez que tal imposição iria reduzir a apresentação dos momentos de nossa história a uma sucessão seqüencial de fatos, confundindo o desfile com um livro didático.”⁷² São desenvolvidos 21 temas referentes a história do Brasil, não havendo obrigatoriedade e singularidade da escolha pelas escolas, o que ocasiona que mais de uma escola aborde o mesmo tema (ocorrido apenas com o tema da chegada dos portugueses aos Brasil).

Para os desfiles do ano 2000, ocorridos nos dias 05 e 06 de março, estavam aptas a desfilar pelo grupo especial as seguintes escolas: **Beija Flor** de Nilópolis, **Caprichosos** de Pilares, Acadêmicos do **Grande Rio**, **Imperatriz Leopoldinense**⁷³, Estação Primeira de **Mangueira**, **Mocidade** Independente de Padre Miguel, **Portela**, Unidos do **Porto da Pedra**, Acadêmicos do **Salgueiro**, Unidos da **Tijuca**, **Tradição**, **União da Ilha** do Governador, Unidos de **Vila Isabel** e Unidos do **Viradouro**. E no dia 22 de fevereiro inicia-se o desfile das escolas de samba do Grupo Especial, dando início ao ano de comemoração dos 500 anos do Brasil.

PORTO DA PEDRA

A escola a “abrir” o carnaval foi a G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra, que havia subido⁷⁴ do Grupo A⁷⁵ no ano anterior e, segundo o regulamento do carnaval do ano 2000, era obrigada a desfilar como primeira escola.

A Unidos do Porto da Pedra localiza-se na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, no bairro de Porto da Pedra. Tem suas origens na reunião de moradores da região através do Porto da Pedra Futebol Clube, que, utilizando-se das mesmas cores do clube, o vermelho e o branco, formaram um bloco carnavalesco de mesmo nome. A escola só atinge status de Escola de Samba no ano de 1981 ao conquistar o acesso à segunda divisão do desfile das escolas de samba de São Gonçalo. Porém é apenas na década de 1990 que a escola passa a desfilar entre as grandes escolas da cidade do Rio de Janeiro.

A escola apresenta o enredo “Ordem e Progresso, Amor e Folia no Milênio de Fantasia” utilizando-se da divisão histórica pretendida pela LIESA ao abordar o tema da formação da República no Brasil. Diferentemente das demais agremiações, o carnavalesco

⁷² Regulamento da LIESA para o carnaval para o Carnaval do ano 2000.

⁷³ Escola vencedora dos desfiles, com 299,5 pontos.

⁷⁴ Expressão utilizada para a conquista do acesso ao Grupo Especial.

⁷⁵ Segunda divisão do Carnaval.

da escola, Jaime Cezário, apresenta um juízo de valor acerca desta diferenciação existente entre a mentalidade oficial, neste caso associada a erudita, e a popular.

*"Esses caminhos diferentes que tomaram o oficial e o popular não estão corretos, uma Nação e feito da comunhão de todos, nessa história nenhum dos lados se posicionou corretamente diante do seu Pátria, que tem que ser amada! O primeiro engano é buscar soluções importadas para resolver nossos problemas, pois temos uma formação social e cultural muito deferente da maioria dos países do mundo, sendo por isso necessário buscar soluções em casa, assim como também, é errado se abster de participar da vida social e política do nosso país, pois deixa nossos destinos nas mãos de poucos e isso nunca será bom."*⁷⁶

GRANDE RIO

A segunda escola a desfilar é a Acadêmicos do Grande Rio, escola de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro. A escola, formada em 1971, surgiu através da fusão de várias escolas de samba do município, como a Cartolinha de Caxias e a União do Centenário. Em 1988, após fusão com a Acadêmicos de Caxias, passa a se chamar de Acadêmicos do Grande Rio e desfila junto as escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro.

A escola apresenta um desfile intitulado "Carnaval a vista – não fomos catequizados, fizemos carnaval" é o único dos desfiles que não centra seu enredo em um fato histórico estabelecido pela comissão da LIESA, mas sim conta a história do Brasil através dos festejos de carnaval. O carnavalesco Max Lopes apresenta um enredo que mescla as características culturais de brancos, negros e índios na formação do carnaval brasileiro. Em suas palavras "precisamos recolonizar nosso chão e confiar na determinação desse povo ricamente dotado de motivos folclóricos, de talentos criador, inspirações musicais. É preciso lutar para garantir nosso espaço no ambiente futurista do mundo moderno; colocar nas mãos dos índios os botões da informática, ao lado deles venham os Arlequins, Pierrões e Colombinas, nossos irmãos africanos, os "carnalizadores" portugueses."⁷⁷

VILA ISABEL

Após o desfile da Grande Rio, entra na Avenida a Unidos de Vila Isabel. Localizada no bairro de Vila Isabel, no morro dos macacos, a escola do sambista Noel Rosa, assim como outras agremiações, teve seu início ligado ao futebol. Um grupo de moradores do bairro formou um clube, na década de 1940, utilizando as cores azul e branco, e posteriormente este se tornou um bloco carnavalesco. Em 1946 o bloco se registra como Escola de Samba e passa a desfilar no carnaval.

No ano 2000 a azul e branco é a única escola a apresentar um enredo sobre a cultura indígena, intitulado "Academia Indígena de Letras – Sou índio, eu também sou imortal",

⁷⁶ Sinopse do Enredo. Disponível em <http://www.galeriadosamba.com.br/> - Acessado em 14/11/2008

⁷⁷ Sinopse do Enredo. Disponível em <http://www.galeriadosamba.com.br/> - Acessado em 12/11/2008

assinado pelo carnavalesco Oswaldo Jardim. Exaltando a relação entre homem e natureza, nas palavras do carnavalesco, "a Vila vai falar sobre os primeiros habitantes da terra, vai mergulhar na vida, costumes, comportamento e personalidade de nosso índio."⁷⁸ A proposta do carnavalesco é apresentar uma visão romântica sobre a cultura indígena, sem haver um rigorismo histórico, tanto que a única obra bibliográfica consultada é o livro de Alceu Maynard Araújo "Histórias Costumes e Lendas". O desfile, em aspectos visuais e técnicos é bastante satisfatório, utilizando-se das cores para apresentar diferenciações entre as culturas indígena e portuguesa. Apesar de realizar um desfile diferenciado, a Vila Isabela acaba rebaixada ao grupo de acesso, juntamente com a Porto da Pedra.

CAPRICHOSOS DE PILARES

A quarta escola a se apresentar na noite de domingo foi a Caprichosos de Pilares, escola do bairro de Pilares, na Zona norte do Rio de Janeiro, fundada em 1949.

Para o desfile do V Centenário da chegada dos portugueses a terras brasileiras, a escola leva a avenida um desfile de Etevaldo Brandão chamado "Brasil teu espírito é santo", abordando as questões culturais do século XX da história do Brasil. A escola não pretende fazer julgamentos nenhum durante seu desfile sobre o correto ou incorreto da história brasileira e, nas palavras de seu carnavalesco, não pretende abordar uma "reprodução, no estilo carnavalesco, e do ponto de vista da Escola, de um período da História Política do Brasil, sem qualquer pretensão de influenciar a opinião pública ou de assumir uma posição em favor de uma ou outra corrente ideológica. A Caprichosos se isenta dessa obrigação. Essa responsabilidade cabe à História."⁷⁹ A escola vai apresentar então as diferentes expressões culturais brasileiras durante o século XX, se isentando de qualquer valor político ou metodológico, em suas palavras, por que "a Escola não pretende escrever a história a sua maneira, modificá-la ou apresentar fatos novos, menos ainda se inclinar para um dos lados que ainda hoje mantêm disputas ideológicas, como poderá ser visto através da sua apresentação, no desfile do Carnaval do ano 2000"⁸⁰.

A característica da Caprichosos, de enredos com caráter mais irreverente, não é esquecida neste desfile, pois, assim como a União da Ilha do Governador, a escola aborda o tema da censura brasileira e da repressão cultural durante o regime militar, porém suas alegorias apresentam-se de forma menos pesada.

TRADIÇÃO

⁷⁸ JARDIM, Oswaldo. Sinopse do Samba. Disponível em <http://www.galeriadosamba.com.br/> - Acessado em 23/11/2008

⁷⁹ Material recebido por mim através de comunicação com a LIESA em 2007.

⁸⁰ Material recebido por mim através de comunicação com a LIESA em 2007

A Tradição traz para a Marques de Sapucaí o enredo de Orlando Junior, intitulado "Liberdade! Sou negro Raça e Tradição!". Este foi o único desfile a abordar a temática negra, e junto com a Unidos de Vila Isabel, as únicas escolas a não abordarem temas da história branca do Brasil.

A Tradição é a escola de samba mais nova das consideradas grandes do carnaval, formada no ano de 1984, quando alguns componentes da Portela se uniram pra formar a escola Tradição da Portela. Devido a disputas judiciais, os integrantes desta nova escola foram impedidos de utilizar o nome Portela e o nome da agremiação acabou sendo apenas Tradição.

De acordo com material recebido por mim pelo Dr. Hiram Araújo, diretor cultural da LIESA, a Tradição utilizou, para a criação do enredo, uma série de livros acadêmicos, como "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil" de Jean Baptiste Debret ou ainda "Made in África" de Luis Câmara Cascudo. A escola, na justificativa do enredo, afirma que não pretendia apenas abordar a história do negro no Brasil, mas também suas crenças, costumes, lutas, baseando-se na mitologia que o cerca. Segundo o carnavalesco Orlando Junior "o negro é a identidade verdadeira do Brasil, que deverá ser orgulhosamente assumida por representar ainda o que há de mais humano em nós. Depois de cinco séculos de opressão e discriminações, surge uma verdadeira nação. Sem ressentimentos, sem rancores, apenas com a força e a temperatura da realidade brasileira.

MOCIDADE

Com o enredo "Verde, Amarelo, Branco, Anil, Coloem o ano 2000" a Mocidade Independente de Padre Miguel foi sexta escola a se apresentar na noite de domingo. A escola de Padre Miguel, zona oeste do Rio de Janeiro, foi fundada em 1955 através da fusão de diferentes blocos carnavalescos. A escola é muito conhecida como a criadora da famosa paradinha da bateria, em 1959, e hoje utilizada por quase todas as escolas.

O enredo do carnaval dos 500 anos foi assinado pelo grande carnavalesco Renato Lage, pretendia abordar a visão do Brasil feita por viajantes do futuro (neste caso índios) que voltam no tempo para vislumbrar o Brasil, sua história e sua gente, e mostrando todas as características desta terra. Nas palavras do carnavalesco estes "índios ancestrais (aborígenes do futuro), chegam para resgatar um Brasil talvez por muitos esquecido. Penetrando no VERDE da fauna e da flora, passando pelos minerais do AMARELO, navegando pelos nossos mares e rios no AZUL e, sublimando no BRANCO dos cristais espalhados por esse solo abençoado. Eles representam nosso desejo de consertarmos os erros do passado,

enxergarmos o presente com segurança e seguirmos para um futuro firmes e certos de termos tornado esse país num verdadeiro paraíso.”⁸¹

PORTELA

Juntamente com a Mangueira, a Portela é a escola mais antiga do carnaval carioca ainda em atividade. Nas primeiras décadas do século XX, no bairro de Oswaldo Cruz na zona norte da capital fluminense, havia o bloco *Quem Fala de Nós Come Mosca*, de Dona Ester. Uma dissidência desse bloco deu origem em 1922 a outro bloco, o *Baianinhas de Oswaldo Cruz*. E por sua vez, uma dissidência do Baianinhas criou o *Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz* em 11 de Abril de 1923. Apesar dos seus fundadores serem de Oswaldo Cruz, a escola foi fundada no número 412 da Estrada do Portela, no bairro de Madureira, no então Bar do Nozinho. Estava criada então a detentora do maior número de títulos do carnaval carioca, a Portela, campeã por 21 vezes.

No ano 2000 a Portela apresentou um desfile sobre o trabalhismo no Brasil, intitulado “Trabalhadores do Brasil, a Época de Getúlio Vargas”, assinado pelo carnavalesco José Felix. Na justificativa do enredo, seu autor afirma que a escola não pretendia “enaltecer ou diminuir sua imagem. Mostraremos o homem Getúlio Vargas, seu tempo, sua trajetória política, suas iniciativas sociais e econômicas. Recordaremos um tempo nem tão distante: a época de Getúlio Vargas, e façamos avaliações desse legado ao entrarmos em um novo século em que comemoramos 500 Anos do Brasil.”⁸²

UNIDOS DA TIJUCA

A escola a abrir os desfiles foi a Unidos da Tijuca. A escola, assim como Portela e Mangueira uma das mais antigas do carnaval carioca, surgiu a partir da fusão de blocos carnavalescos localizados nas imediações do Morro do Borel. Em 1931 então era fundada a Unidos da Tijuca, campeã do carnaval carioca apenas em 1936.

Seu enredo “Terra dos Papagaios... Navegar foi preciso”, foi assinado por Chico Spinoza e pretendeu relatar a visão dos portugueses acerca do momento da chegada ao Brasil. Ao se dirigir aos compositores do samba, o carnavalesco afirmou que “esse enredo sobre o descobrimento do Brasil para o carnaval de comemoração dos 500 anos, tem como finalidade mostrar essa alma mateira e mestiça que deu origem ao brasileiro.”⁸³ Assim como em demais escolas, seguindo a orientação da comissão criada para gerir a ordem dos

⁸¹ Material recebido por mim através de comunicação com a LIESA em 2007

⁸² Material LIESA

⁸³ Sinopse do Enredo

desfiles, a Unidos da Tijuca não se prende a um rigorismo histórico e nem pretende formular uma nova leitura da história do Brasil.

MANGUEIRA

A escola de samba mais tradicional do carnaval brasileiro foi a segunda escola a desfilar na noite de segunda-feira. A história da fundação da Mangueira, assim como a história da Portela, mescla-se muito com a história da própria formação do carnaval carioca e brasileiro. Reduto de importantes personagens do carnaval, a Estação Primeira de Mangueira foi fundada através da união de diversos cordões e blocos que se localizavam no Morro da Mangueira. O nome, Estação Primeira, foi criado pelos sambistas Cartola e Carlos Cachça, pois a estação do trem do Maracanã, que atende ao morro da mangueira, era a primeira após a estação Central do Brasil.

Seguindo uma característica da história recente da Mangueira, a escola apresentou no carnaval do ano 2000 o enredo "Dom Oba II – Rei dos Esfarrapados, príncipe do povo" ressaltando, nas palavras do carnavalesco Alexandre Lousada, "a luta cotidiana pela igualdade, temperada no sofrimento de sucessivas gerações de negros que acabaram por constituir a mais importante das matrizes étnicas do que hoje se conhece por povo brasileiro."⁸⁴ Para contar a história de luta do povo negro no Brasil a verde-rosa vai retratar como pano de fundo a história de Dom Obá II, um negro brasileiro, filho de escravos, que, segundo sua linhagem familiar seria um príncipe africano, mas no Brasil se torna um líder dos negros, lutando pelo fim da escravidão.

SALGUEIRO

Após a Mangueira, outra importante escola tem passagem na Marques de Sapucaí, a Acadêmicos do Salgueiro. A escola do bairro do Andaraí foi fundada em 1953 através da união de duas escolas de samba no morro do Salgueiro – Azul e Branco e Depois eu Digo. O Salgueiro foi o grande responsável pela revolução no carnaval carioca na década de 1960, como já foi citado previamente, através da incursão da história da cultura negra nos desfiles e do carnavalesco Fernando Pamplona, um acadêmico vindo diretamente da Escola de Belas Artes.

O Salgueiro apresentou, no carnaval do ano 2000, o enredo "Sou rei, sou salgueiro, meu reinado é brasileiro", abordando o período de chegada da família real ao Brasil, no início do século XIX. Também como a maior parte das escolas de samba, o Salgueiro esquivou-se de fazer algum julgamento de valor ou apresentar posição política em seu desfile,

⁸⁴ Sinopse do Enredo

apresentando os fatos acerca de seu tema. Nas palavras do carnavalesco Mauro Quintaes, autor do enredo, “não compete a nós, salgueirenses, julgar a figura marcante de D.João. Seria ele um estadista empreendedor, amante da cultura e da ciência, ou um soberando bufão, indeciso, que saiu corrido de seu país? Temos de retratar a história desse monarca com alegria carnavalesca, deixando que o público folião faça seu próprio julgamento.”⁸⁵

IMPERATRIZ

A quarta escola a desfilas na noite de segunda-feira foi a Imperatriz Leopoldinense, campeã no ano de 1999, que apresentou-se defendendo o título. Fundada em 1959 a escola se localiza no bairro de Ramos, zona norte da capital fluminense. Sua origem remonta a união dos blocos carnavalescos localizados ao longo da linha do trem Imperatriz Dona Leopoldina, que serviu de inspiração para o nome da escola oito vezes campeã do carnaval carioca.

No ano 2000 a escola apresentou um desfile imponente, intitulado “Foi seu Cabral que descobriu o Brasil, no dia 22 de Abril, dois meses depois do carnaval”. A carnavalesca Rosa Magalhães, considerada a maior carnavalesca da década de 1990, assinou este enredo que abordava a visão dos Portugueses ao chegarem no Brasil a época do descobrimento. O desfile da Imperatriz apresenta claramente uma divisão de estilo, utilizando muitas cores ao apresentar o reino das Índias e muito verde e dourado (as cores da escola) ao apresentar o Brasil dos índios na avenida. Aponto em detalhe a excelente comissão de frente da Imperatriz, assinada pelo coreógrafo Fábio de Mello, que reproduziu com maestria o movimentar de uma caravela. A Imperatriz primou por sua capacidade técnica nos desfiles, conquistando o campeonato em um desfile tecnicamente perfeito. O enredo faz um panorama do contexto das descobertas. O que estava acontecendo no mundo quando o Brasil foi descoberto. Nas palavras de Rosa Magalhães “O enredo da Imperatriz focaliza o descobrimento (...) E depois vem a viagem que é uma parte curta, e chega finalmente ao Brasil no 22 de abril, dois meses depois do carnaval”⁸⁶.

UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR

A União da Ilha do Governador, como seu nome já diz, tem como base a Ilha do Governador. Foi fundada em 1953, através da união de vários pequenos blocos carnavalescos da cidade. No ano 2000, o carnavalesco Mario Borrielo assina seu primeiro enredo pela escola, chamado “Pra não dizer que não falei de flores”, uma adaptação da

⁸⁵ Sinopse do Enredo. Disponível em <http://www.galeriadosamba.com.br> – Acessado em 14/11/2008

⁸⁶ Relato feito durante o desfile para a Rede Globo de Televisão

música de Geraldo Vandré, pretendendo abordar os anos de ditadura militar no Brasil. Nas palavras do carnavalesco, proferidas durante a transmissão do carnaval pela Rede Globo, “A síntese do nosso enredo é a liberdade. Considero o ponto alto da nossa apresentação podermos cantar e dançar a nossa história sem repressões e sem mágoas.”⁸⁷ Mesmo falando de repressão e ditadura militar, o desfile versa mais centradamente na produção artística do período e como essa foi grandiosa. A questão política e militar se mantém em segundo plano. A comissão de frente é representada por soldados camuflados, porém possuem ornamentos florais – remetendo assim diretamente ao título do enredo. Empunham armas que em sua ponta estão presas flores. Os soldados florais marcham, não sambam. Uma das imagens mais fortes do desfile é o carro em “homenagem” a censura, chamado “Rasga Coração”. Com cores bem vibrantes, vermelhas e no seu centro um coração partido ao meio. Folhas de papel gigantes se localizam nas laterais escritas nelas nomes de personalidades que sofreram com a censura.

A parte final do desfile apresenta uma crítica a censura e toda a questão cultural apresentada em relação à censura. São homenageados a tropicália, o pasquim e o FIC.

No final do desfile apresenta-se um carro em homenagem a Zuzu Angel e como destaque está a filha dela, Hildegarde Angel, que representa a própria mãe. Em anexo há também duas alas que homenageiam a obra de Zuzu Angel.

A União da Ilha apresentou um samba muito marcante, assim como seu desfile, um dos mais emocionantes apresentados. Isto acabou lhe rendendo o oitavo lugar no carnaval, um marco positivo para a Escola.

BEIJA FLOR

A Penúltima escola a desfilar na segunda feira foi a Beija Flor. A escola, formada em 1948 através da criação de um bloco de mesmo nome, localiza-se na cidade de Nilópolis, na baixada fluminense. No ano 2000 apresentou o enredo “Brasil, um coração que pulsa forte, pátria de todos ou terra de ninguém”. Este título foi baseado no livro psicografado por Chico Xavier “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho.” Aborda a questão da formação espiritual do Brasil, através da união de diferentes povos e culturas. A beleza plástica e técnica do desfile apenas não foi páreo pra a Imperatriz e com isso a escola de Nilópolis conquistou o vice campeonato.

⁸⁷ Relato feito durante o desfile para a Rede Globo de Televisão

VIRADOURO

Encerrando o carnaval do ano 2000, a última escola a entrar na Marques de Sapucaí foi a Unidos do Viradouro. Assim como a Beija Flor, a Viradouro, criada como escola de samba em 1946, também tem sua sede na cidade de Niterói. No carnaval dos 500 anos, como foi apelidado os desfiles do ano 2000, a escola teve seu desfile assinado por Joãosinho Trinta, e foi intitulado "Brasil: Visões de Paraísos e Infernos". A ideia do desfile é apresentar a idéia de que os europeus medievais acreditavam que havia a existência de um paraíso e um inferno na terra. O descobrimento do Brasil seria a confirmação do paraíso, mas para o africano o Brasil era o inferno na terra.

Joãosinho trinta se baseia em dois livros para a construção deste enredo – o livro de Sérgio Buarque de Hollanda "Visão do Paraíso" e o livro de Neide Goldin, uma socióloga paulista "A invenção da Amazônia" (sobre o imaginário medieval da Amazônia).

A comissão de frente da escola já apresenta a visão maniqueísta do carnavalesco ao tratar sobre o Paraíso e o Inferno. Anjos vermelhos e anjos brancos apresentam esta visão. A utilização de cores da Viradouro é muito grande, é um desfile muito colorido. As cores quentes são sempre relacionadas as visões do inferno e as cores frias são utilizadas para representar o paraíso.

Na quarta feira de cinzas todos os representantes da LIESA e das escolas de samba se reuniram na praça da Apoteose, na própria Marques do Sapucaí para acompanhar a apuração do carnaval. A grande vencedora foi a Imperatriz Leopoldinense, tendo como vice a Beija Flor e terceiro lugar para a Viradouro.

CAPÍTULO 3 - O SAMBA DE ENREDO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

A história como disciplina didática constituiu-se no Brasil ao longo do século XIX. Em seu princípio a base do conteúdo era acerca da história européia, sendo a história do Brasil apenas um apêndice a matéria. Somente em meados do século XIX, na década de 1860, que a história do Brasil passa a ser conteúdo obrigatório no currículo. Esta preocupação com o ensino de História do Brasil é comum desde a independência onde "os principais conteúdos de história do Brasil tinham como objetivo a constituição e a formação da nacionalidade, como seus heróis e marcos históricos, sendo a pátria o principal personagem desse tipo de ensino."⁸⁸

Os questionamentos e estudos acadêmicos acerca de ensino de história só surgem a partir da década de 1980. É quando surgem discussões sobre as diferentes formas de ensino, o uso de fontes e a forma de construção do conhecimento sobre a História do Brasil. O livro didático deixa de ser uma verdade absoluta e passa a ser questionado, assim como as fontes históricas. O próprio ensino de história passa a ser questionado, e a história dos grandes vencedores e de heróis nacionais passa a dar lugar para uma história local, com uma maior interação entre o aluno e o professor.

O ensino de história no Brasil modificou-se devido as modificações sociais que ocorriam no país. "O ensino da História no Brasil passou por várias transformações, que acompanhavam, muitas vezes, as mudanças ocorridas na organização e nas propostas educacionais brasileiras"⁸⁹ Atualmente, segundo os preceitos da LDB, a educação básica tem como principais objetivos, não restringir o conhecimento a

"assimilação maior ou menor de conteúdos prefixados, mas se comprometer a articular o conhecimento, competências de valores, com a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem-se das informações para a transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade."⁹⁰

A escola atualmente, em especial no caso da aula de história, não é mais apenas um transmissor de conteúdo. A aula de história tem como principal objetivo propiciar uma visão

⁸⁸ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004. p. 11

⁸⁹ SCHIMIDT, *Op. Cit.* p. 15

⁹⁰ BEZERRA, H.G. **Ensino de História**: Conteúdos e conceitos básicos. IN: KARNAL, L. **História na sala de aula**: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004

construção crítica de pensamento acerca da história, assim como da sociedade a que pertence.

Para o aluno de ensino básico, o ensino de história muitas vezes é associado a caráter negativo pois “se depararem com grandes obstáculos de compreensão e não mais dispendo dos meios antigos familiares (livros e textos prontos para decordar, provas, teses ou exercícios que exigiam quase sempre a mera repetição do que já estava contido na fonte de referência), meios bastante monótono mas que davam maior impressão de segurança, estas crianças tornavam-se literalmente ‘perdidas’ no emaranhado de conceitos, datas e relações que não tinham, para elas, o menor sentido”⁹¹

Ao buscar a comprovação dos fatos apresentados no desfile analisado, buscamos a segurança de um terreno conhecido e seguro, qual seja: os livros de história, com os quais convivemos diariamente e que nos dão as respostas de que necessitamos.

Porém, a evolução dos meios modernos de comunicação visual vem constantemente redefinindo o papel da leitura e do livro. Estamos na época do vídeo, da alta tecnologia, da reprodução eletrônica, que tem produzido formas de simulação da realidade e ilusionismo sem precedentes.

Contudo, vivemos ainda o medo da imagem, vendo nesta uma vilã que ameaça nossa cultura do livro. Um lado positivo dos livros em relação a um desfile de escola de samba, por exemplo, é que proporcionam ao leitor as mesmas informações, porém de uma maneira muito mais detalhada e muitas vezes, fidedigna, além de agradável, como salienta Hartog (1998,pg.193):

"A montagem, o enredo, a escrita, fazem com que você, leitor, possa mergulhar nele como numa obra de ficção, entregar-se ao prazer da leitura, instruir-se e divertir-se ao mesmo tempo".

Porém, os livros também usam imagens, mas estes tendem a apresentá-las como ilustrações, reproduzindo-as sem comentários. Não podemos entender as imagens como simples ilustrações da palavra e nem o texto como uma explicação da imagem.

O conjunto texto-imagem forma um sistema complexo, e que é fundamental para a compreensão das condições representativas como um todo. Na modernidade do século XX, começa a ser valorizada a força expressiva das representações nas descrições visuais, dando à imagem uma certa independência das explicações textuais.

Como já foi dito, vivemos em um mundo dominado pelas imagens, muito influenciadas pelos modernos meios de comunicação, como a internet, por exemplo, e

⁹¹ SCHIMIDT, *Op. Cit.* p. 42

porque não, a escola de samba. E nesse contexto, as pessoas acabam tendo mais contato com a história através da tela do cinema, da televisão, do que pela leitura dos livros e pela educação escolar, fato que aparece nas palavras de Cristiane Nova, falando em relação ao cinema (2000, p. 149):

"O cinema cria um passado contra o qual os livros e as escolas não podem competir, ao menos em popularidade".

Não podemos negar esse fenômeno, e tão ou mais difícil é tentar freá-lo. Acreditamos que o mais aconselhável é utilizar esses novos meios de propagação de informação para auxiliar nosso trabalho, seja na divulgação de pesquisas ou no ensino de história.

No caso do ensino de história, trata-se de usar o fascínio do cinema, da festa carnavalesca, da música, para despertar e desenvolver o gosto pela interpretação, pela polêmica, o gosto pela leitura, a ampliação do vocabulário, instrução na leitura de palavras, na compreensão de discursos de oradores, escritores, localizar eventos, fenômenos, enfim, o gosto pela história. Sobre o caráter da disciplina de história fala Badaró (1998, p. 124):

"Na sala de aula, o historiador deve ser capaz de estimular em seus alunos o raciocínio crítico sobre a sociedade social do presente e do passado. O acúmulo de informações, exposições longas, aulas e avaliações que privilegiam objetos cognitivos primários, como memorização e reconhecimento de episódios e nomes, são algumas das características de aulas que, mesmo quando não se pautam pela glorificação dos heróis da pátria, acabam associando a história a uma disciplina chata, centrada na memorização".

Sobre o uso desses materiais no ensino de história são significativas as palavras de Badaró (1998, p.123):

"E por documentos úteis ao trabalho em sala de aula podem ser tomadas tanto as fontes oficiais quanto um artigo de jornal, uma obra da literatura de época ou uma produção das artes plásticas, uma música, um depoimento gravado ou transcrito".

A utilização de materiais diferentes ao livro didático na sala de aula é uma experiência nova, assim como estudos acadêmicos acerca de música popular, em especial o samba. As transformações historiográficas ocorridas nas últimas décadas do século XX, como o reconhecimento de novos temas e objetos como fonte histórica permitiram a incorporação

de novas linguagens pela história, entre elas a música popular. Porém, com a ampliação de estudos sobre música popular, ampliou-se este espectro no ensino de história.

A música popular e sua relação com a história, segundo o historiador Marcos Napolitano, “devem ser pensadas dentro da esfera musical como um todo, sem as velhas dicotomias ‘erudito’ versus ‘popular’”⁹² Esta dita dicotomia é muito comum ao ensino de história.

Através desta abordagem teórica acerca dos estudos sobre ensino de história, procurei relatar abaixo as experiências práticas que obtive junto ao Colégio de Aplicação da UFRGS e a Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio.

ATIVIDADES DIDÁTICAS COM SAMBA

APLICAÇÃO

O Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul fica localizado na Avenida Bento Gonçalves, número 9500, no Bairro Agronomia, em Porto Alegre. Se liga diretamente ao Ministério da Educação, em função de seu caráter federal, e compõe uma rede de colégios presentes em outras cidades do país, todos com a mesma proposta experimental de ensino, buscando o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem.

O CAp de Porto Alegre possui em torno de quinhentos alunos, além de um corpo de professores concursados e alguns substitutos, com contratos curtos, e mais um conjunto de funcionários, servidores federais ou terceirizados. Os alunos ingressam na escola por sorteio, sem favorecimento em função de qualquer critério, como residência do aluno, renda familiar, etc. O CAp divide suas séries em alguns projetos, dentro da idéia de experimentação de novas práticas de ensino: da primeira à quarta série do Ensino Fundamental denominam-se Alfa (Alfa I, Alfa II...); nas quinta e sexta séries existe o Projeto Amora, que reforça as idéias de interdisciplinaridade através de práticas conjuntas entre os diferentes professores participantes do mesmo. A partir da sétima série o colégio apresenta uma estrutura mais tradicional, ainda que disponha de conteúdos que escapam a essa classificação, como o oferecimento de quatro línguas estrangeiras, além das aulas de Artes Plásticas, Música e Teatro, mais a matéria de Enriquecimento Curricular, no Ensino Médio, que possibilita ao aluno escolher temas de seu interesse para estudo.

⁹² NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p. 12

Entre julho e novembro do ano de 2007 realizei o Estágio de Docência em História⁹³ junto a sétima série, turma 71, do CAP. Esta turma era formada por cerca de 30 alunos todos de características socioeconômicas da turma são muito semelhantes também. A turma se divide em dois grupos quando da questão habitacional– alunos de Porto Alegre e alunos de Viamão. Devido a proximidade da escola com a cidade vizinha a capital gaúcha, cerca de 10 alunos são provenientes de Viamão.

Iniciei, junto a eles, a matéria referente a grandes navegações e chegada dos portugueses ao Brasil. Com este conteúdo foi possível a utilização de uma série de sambas de enredo para auxiliar a compreensão do conteúdo. Para iniciar o debate sobre a utilização do termo “conquista” ou “descobrimto” apresentei dois sambas sobre o tema, no qual um versava sobre a historiografia tradicional e outro questionava a utilização do termo descobrimto. Após a apresentação destes sambas, foi proposto um debate, com base nas informações que os alunos retiravam da letra do samba.

Outra abordagem possível com esta turma foi a construção de uma linha do tempo, baseada no samba de enredo da Unidos de Vila Isabel do ano de 1998, intitulado “Lágrimas Suor e Conquista em um mundo em Transformação” que versava sobre as primeiras civilizações até a Revolução Francesa. Utilizando as informações contidas na letra do samba, assim como a matéria já estudada por eles, foi criada coletivamente uma linha do tempo para a turma.

Ao realizar o questionário final, foi perguntado aos alunos *“O que achaste das músicas que a professora-estagiária apresentava? Conseguias relacionar a matéria da aula com o samba que era apresentado?”* Cerca de 85% dos alunos responderam positivamente, sendo que destes, 35% afirmaram não gostar do estilo de música (sambas de enredo) porém conseguiam relacionar com a matéria.

FLORINDA TUBINO SAMPAIO

Entre março e julho de 2008 foi apresentada a proposta de apresentei a proposta a uma turma do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio, localizada no bairro Petrópolis, na cidade de Porto Alegre. A E.E. Florinda Tubino Sampaio é uma escola completa, congregando ensino fundamental e médio, ligada à rede estadual de educação.

A turma trabalhada foi uma turma de primeiro ano do ensino médio, com cerca de 25 a 30 alunos em sala de aula. A maioria destes alunos provinha de bairros populares da capital gaúcha, sendo cerca de 20% destes vindos do bairro Jardim Leopoldina. Eram, em

⁹³ Válido pela sexta etapa do curso licenciatura em história da UFRGS.

sua grande maioria, de origem humilde. Ao apresentar-lhes a proposta de trabalhar com sambas enredo, os alunos se mostraram muito receptivos, pois, segundo os próprios, sua aula era geralmente expositiva, sem haver muito de participação em sala de aula.

Com esta turma tive a oportunidade de trabalhar com grande parte dos sambas de enredo criados para o carnaval do ano 2000. Juntamente com auxílio de livros didáticos apresentei a turma uma proposta de trabalho de dividi-los em grupos e a cada grupo designar um samba de enredo diferente, e cada qual responsável por realizar uma pesquisa, com base no samba, sobre o conteúdo do mesmo, e apresentá-lo para a turma posteriormente. Foi proporcionado junto destas apresentações espaço para debates em relação a trabalhos de mesmo tema (no caso da chegada dos portugueses aos Brasil) e foi possível verificar as diferentes leituras que um mesmo fato histórico pode proporcionar. Como pano de fundo a esta discussão apresentei a turma o samba de enredo da Acadêmicos do Santa Cruz do ano de 2007

*Quanto tempo o tempo tem?
Perguntas trazem meus versos
Nem a ciência conseguiu nos explicar
Nas mãos divinas as origens do universo
Há mais de 15 mil anos a humanidade busca respostas
Nascer e pôr-do-sol... Definir o dia
A semana e o mês, astrologia
**Tempo me escravizou, virei robô
Fez meu mundo girar, bem devagar
No tic tac das horas, nosso samba vira história
E jamais vai se apagar**
Os relógios surgem despertando a inteligência
Calendários marcam o início de uma existência
Povos construíram suas tradições
Nos astros eu prevê várias paixões
Tempo, nossa vida em suas mãos
Voa e leva meu coração
Quero mais ser feliz, bem feliz!!!
**Se o tempo é um mistério, quem saberá
Me diga do futuro, deixa pra lá
Deus Cronos me responda quem te seduz
Tempo... É Santa Cruz!!!***

Através deste samba foi possível ampliar a discussão acerca de tempo histórico, promovendo uma discussão teórica acerca das diferentes contagens de tempo com a turma.

Ao final das atividades, promovi o mesmo questionário sobre a opinião dos alunos acerca da utilização do samba de enredo e sua possibilidade de auxílio a assimilação do conteúdo proposto. As respostas foram muito semelhantes, tendo atingido uma média de

95% de aceitação dos alunos, mesmo que destes, 40% afirmarem que não gostavam do estilo de música proposto, mas mesmo assim conseguiram compreender o propósito do uso do sambas de enredo.

Após trabalhar com duas faixas etárias e grupos sociais distintos, foi possível observar a validade desta abordagem. O ensino de história foi, durante muito tempo, refém da ditadura do livro didático, e os alunos acabavam recebendo aulas prontas, sem haver uma discussão sobre os temas ensinados, estes eram apenas assimilados.

O samba é um produto cultural popular brasileiro, seus personagens se mesclam em seu processo de formação histórica. O ensino de história hoje no Brasil, ainda que em pequena escala, visa inserir o aluno no seu meio histórico, o aluno como agente da história. Segundo Schimidt

"ensinar história passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do conhecimento histórico, de construí-lo. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom. (...) Ele deve entender que o conhecimento histórico não é uma categoria que se compra bem ou mal"⁹⁴

Em especial em alunos de classes populares, percebeu-se mais válida essa experiência pois a escola de samba faz parte do seu meio social, então conseguiam assimilar sua realidade com o conhecimento histórico. A escola de samba enquanto "uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas da parcela que aí convive no que convencionamos denominar mundo do samba"⁹⁵ possibilita uma conexão com a cultura dita erudita, em especial através da criação de enredos e confecção de desfiles. Tramonte exemplifica um exemplo desta integração – "Um exemplo significativo é o caso da própria professora Uda [da escola de samba carioca Copa Lord] que, algumas vezes, chamou os compositores e autores para discutirem com os alunos o conteúdo do enredo daquele ano. Como muitos temas são históricos, a discussão tornou-se muitas vezes verdadeiras aulas de história, ministradas de maneira agradável e criativa. Cantando e vivendo o enredo na avenida, estes conteúdos fixaram-se para sempre na memória das crianças que participaram desta experiência."⁹⁶

Assim como Tramonte abordou, considero uma experiência didática válida o uso de sambas de enredo como ferramenta didática auxiliar no ensino de história, visto a sua fácil assimilação por parte dos alunos, além de inserir o conhecimento histórico na realidade dos alunos.

⁹⁴ SCHIMITD, *op. Cit.* p. 30-31

⁹⁵ TRAMONTE, Cristina. *Op. Cit.* p. 8

⁹⁶ TRAMONTE, Cristina. *Op. Cit.* p. 133

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A luz apaga porque já raiou o dia
E a fantasia vai voltar pro barracão
Outra ilusão desaparece quarta-feira
Queira ou não queira terminou o carnaval.*
Novo amor – Maria Rita

O carnaval indiscutivelmente é, e durante sua história sempre foi, multifacetado além de um fenômeno mundial, visto que há registros de festividades, celebrações, rituais em que se podem encontrar seus elementos em praticamente todo o globo. Entrudos, corsos ou escolas de samba possuem elementos semelhantes que os especificam como uma festa popular.

Porém, o que podemos destacar é a proporção que tomou no Brasil, extrapolando as fronteiras do seu território, alcançando fama mundial e tornando-se marca identitária do país. Hoje uma das grandes marcas do Brasil é sua habilidade de fazer carnaval.

Seu estudo pode nos mostrar o vasto campo de pesquisa que possibilita, e que sem dúvida, traria resultados satisfatórios para a compreensão do fenômeno carnaval, primordialmente no Brasil. Levar o samba de enredo para a sala de aula é apenas umas destas formas.

O carnaval no Brasil foi constituído através dos séculos passando de geração em geração através da manutenção de culturas e tradições. Os ritmos portugueses se mesclaram aos batuques africanos gerando um novo estilo de música ao qual denominamos samba. Utilizar o samba em sala de aula permite a inserção da cultura popular, relacionada a realidade dos alunos. Ouvindo sambas de enredo, vendo desfiles de carnaval, torna-se mais compreensível para os alunos, períodos históricos apenas abordados no livro didático.

Este estudo teve como principal finalidade ampliar os estudos acerca do ensino de história no âmbito universitário, assim como para os estudos históricos sobre carnaval, hoje inseridos principalmente no campo da Antropologia. Além de ampliar o número de profissionais de história que utilizem não só o samba, mas também fontes diferenciadas ao livro didático para ensinar história.

Cantando os sambas, assistindo os desfiles na avenida, pela televisão, os conteúdos se fixam na memória dos alunos. Podemos assim preencher algumas lacunas deixadas pelas escolas.

Esperamos, com esse trabalho, incentivar ou pelo menos levantar a questão do uso de novos materiais no ensino de história. Os desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro no ano 2000 são um bom exemplo desses usos que podem ser feitos a fim de estimular e criar nas pessoas o gosto pela curiosidade, pela leitura, pela história, do mesmo modo que em nós este gosto também foi incentivado.

BIBLIOGRAFIA

DAMATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural – O Carnaval como rito de passagem**. Petrópolis: Vozes.

DA SILVA, K. A **Nação Cordial – Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil**. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n. 51. Fevereiro de 2003.

DINIZ, André. **Almanaque do Carnaval**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DINIZ, André. **Almanaque do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FARIAS, Julio César. **O Enredo de Escola de Samba**. Rio de Janeiro: Litteris, 2007.

FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Eidouro, 2004.

GOMBERG, Estélio. **O Enredo Tchê no Carnaval Carioca: o gaúcho no Desfile da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel em 1996**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.

KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo, Contexto, 2004.

KUHN, Fabio. **A Reinvenção do Brasil: Considerações em trono dos 500 anos**. IN: ANOS 90, n. 13, julho de 2000.

MAGALHÃES, Rosa. **Fazendo Carnaval**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.

PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004.

MATTOS, M. B. (Org.) . **História: Pensar e Fazer**. 1. ed. Niterói: LDH-UFF, 1998. v. 1.

MORAES, Eneida de. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

NICEAS, Alcides. **Verbetes para um dicionário do Carnaval Brasileiro**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.

NOVA, C. C. . **A História Diante dos Desafios Imagéticos**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 21, p. 141-162, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular:** Um tema em debate. São Paulo: Editora 34, 1997.

TRAMONTE, Cristina. **O samba conquista passagem:** As estratégias e a ação educativa das escolas de samba. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais.** São Paulo: Ática, 1986.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

SOUZA, O. **Fantasia de Brasil – As identificações na busca da identidade nacional.** São Paulo: Escuta, 1994.

VALENÇA, Rachel. **Carnaval:** Para tudo se acabar na quarta feira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis

Brasil, um Coração que Pulsa Forte, Pátria de Todos ou Terra de Ninguém

Igor Leal e Amendoim

Luz
Celestial que ilumina
Astros, abrem a porta divinas
Guiando a navegação
Descobrimo esta "nova nação"
Semente de uma nova era
Paraíso de belezas naturais
Índios guerreiros de pele dourada
E alma purificada
Habitavam este solo colossal
Corsários e aventureiros
Invadem o cruzeiro pela ambição
Lutaram e colonizaram
A pátria de todos os povos então
E o negro aqui chegou...
E o seu canto de fé ecoou...
Liberdade pra ser feliz...
O braço forte que ergueu nosso país
Assim
São Vicente veio a encantar (obá, obá)
Berço da democracia
A primeira cidade do Brasil
Meu Rio, eu sonhei
Que o "Senhor" havia nos dado a mão
Que havia ordem, progresso e perdão
E um ser de luz a iluminar
E hoje eu canto
Oh! Pátria amada! Me envolvo em seu manto
Por essa terra sem dono, sem leis.
Pra ver o sonho que sonhei
Me abrace, amor com seu calor
Faz pulsar meu coração
Sou Beija-Flor e trago a paz
Nos olhos da geração

G.R.E.S. Caprichosos de Pilares

Brasil, teu Espírito é Santo

Mauro, Claudinho, J. Bodão e Márcio do Swing

Brasil eu amo você
Meu país abençoado
Brasil de JK, JQ, JG
Memórias de um passado
Brasil virou o jogo na arena
Roubou a cena
O bom senso idolatrado
E a Caprichosos
Agradece e bate palma
Se Deus é brasileiro
O povo é a alma

O violão, a bossa nova

Uma canção do Rei

Um hippie sem compromisso

O coração, a lei

Nos caminhos da saudade
A esperança, a paz
Diretas a sua vontade
Na alegria dos carnavais
Vencemos, dançamos
De cara pintada tiramos
Deu pra ver
O que é amar
Nossa pátria mãe gentil
Hoje a festa é sua
É só comemorar
Meu Brasil

Capricha na virada, amor, amor

O futuro é todo seu

Teu espírito é santo, é guerreiro

Sou mais você, valeu

G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio

Carnaval à Vista - Não Fomos Catequizados, Fizemos Carnaval

J. Mendonça, Pedrinho, Messias e Mingau

Naveguei e cheguei
Bons ventos me trouxeram d'além-mar
Monstros marinhos, tempestades vieram pra me assustar
Ao chegar, festeja o dono da terra
Fui rezar primeira missa e esse solo abençoar
Na Brasilíndia, melodia curubins
Terra Brasilis e o seu cantar feliz
Toca gaiteiro e espanta a tristeza
Que a festa é tupiniquim e portuguesa
E o cordão que não parava de aumentar
Quem vem pra conhecer, já não quer mais voltar
Margeando o Chico eu vou
Ouvindo a batucada de Sergipe
Bate bumbo, bate Zé Pereira
E sambando, venha quem vier
Se deixar, eu canto noite inteira
Mas batuque no terreiro,
Meu sinhô não quer
Verdade
Se tornou realidade
Enfim o carnaval da liberdade
Pega o tambor, me leva que eu quero ir
Amor, vem me fazer sorrir
Abram alas Grande Rio vem aí, vem brindar
Lança-perfume pois o baile vai começar
A Praça é nossa e o povo quer sambar
Desperta Brasil
Eu quero é paz, tristeza nunca mais
Se alguém cuidar da Juventude,
Oh, Pátria mãe gentil
Outros 500 serão nos anos 2000

G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense

Quem Descobriu o Brasil, Foi Seu Cabral, no dia 22 de Abril, Dois Meses Depois do Carnaval

Marquinhos Lessa, Guga, Tuninho Professor, Amaurizão e Chopinho

Terra à vista
Um grito de conquista do descobridor
A ordem do rei é navegar
E monopolizar riquezas de além-mar
Partiram caravelas de Lisboa
Com o desejo de comercializar
As especiarias da Índia
E o ouro da África
Mas depois o rumo se modificou
Olhos no horizonte, um sinal surgiu
Em 22 de abril, quando ele avistou
Se encantou
Tão linda, tão bela)

Paraíso tropical

Foi seu Cabral quem descobriu o Brasil

Dois meses depois do carnaval

Terra... abençoada de encantos mil
De Vera Cruz, de Santa Cruz, Brasil
Iluminada é nossa terra
O Branco, o negro e o índio
No encontro, a origem da nação
E hoje minha escola é toda raça
Convida a "massa" e conta a nossa história
São 500 anos vivos na memória
De luta, esperança, amor e paz

Eu quero é mais

Viver feliz

Sambando com a Imperatriz

G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira

Dom Obá II - Rei dos Esfarrapados, Príncipe do Povo

Marcelo D´Aguiã, Bizuca, Gilson Vermini e Valter Veneno

Axé, mãe África
Berço da nação Iorubá
De onde herdei o sangue azul da realeza
Sou guerreiro de Oyó
Filho dos orixás
Vim da corte do sertão
Pra defender a nossa pátria
Mãe gentil
Sou "Dom Obá", o príncipe do povo
Rei da ralé
Nos meus delírios, um mundo novo
Eu tenho fé

No Rio de lá

Luxo e riqueza

No Rio de cá

Lixo e pobreza

Freqüentei o Palácio Imperial
Critiquei a elite do jornal
Desejei liberdade
500 anos! Brasil
E a raça negra não viu
O clarão da igualdade
Fazer o negro respirar felicidade

Sonho ou realidade

Uma dádiva do céu (do céu, do céu)

Vi no morro da Mangueira

Sambar de porta-bandeira

A Princesa Isabel

G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel

Verde, Amarelo, Branco, Anil Colorem o Brasil no ano 2000

Dico da Viola, Jefinho, Marquinho Índio e Marquinho PQD

O coração do mundo está em festa
E bate forte nesse carnaval
Mas a saudade de uma forma iluminada
Vem trazendo visitantes do espaço sideral
É bom recordar o que já passou
Também vou mostrar como estou
Eu quero aprender um pouco mais a caminhar
Com os índios do futuro viajar

E mergulhar nessa paixão

Com as cores da bandeira no meu coração

Oh! Meu Brasil, esperança que pode curar
Encantos mil e um segredo pra se desvendar
Riqueza que desperta o avanço cultural
Reflete muito mais que o brilho do metal
Oh! Meu Brasil, o infinito quando toca o mar
Num beijo anil, um cenário que me faz sonhar
Que o amor pode guiar o novo amanhecer
E a gente ensinar o que é viver
Viver em paz, pra se feliz
É só amar nosso país
É preservar o que se tem
Seguir a Deus, plantar o bem
É abraçar o nosso irmão
Ao inimigo só perdão
A nossa estrela vai brilhar
E a luz da Paz eternizar

G.R.E.S. Portela

Trabalhadores do Brasil, a Época de Getúlio Vargas

Amilton Damião, Ailton Damião, Edynel, Zezé do Pandeiro e Edinho Leal

O raiar de um novo dia
Desafia o meu pensar
Voltando à "Época de Ouro"
Vejo a luz de um tesouro
A Portela despontar, lá, laiá
Aclamado pelo povo, o "Estado Novo"
Getúlio Vargas anunciou
A despeito da censura
Não existe mal sem cura
Viva o trabalhador ô ô ô

Nossa indústria cresceu (e lá vou eu)

Jorrou petróleo a valer...

No carnaval de Orfeu

Cassinos, MPB

O Rei da Noite, o teatro, a fantasia
No rádio as rainhas, a "baiana de além-mar"
Tantas vedetes, cadilacs, brilhantina
Em outro palco o movimento popular
E no "Palácio das Águias"
Ecoou um grito a mais
Vai à luta meu Brasil
Pela soberana paz
Quem foi amado e odiado na memória
Saiu da vida para entrar na história

Meu Brasil-menino

Foi pintado em aquarela

Fez do meu destino

O destino da Portela

G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra

Ordem e Progresso, Amor e Folia no Milênio de Fantasia

Silvão, Ricardo Goés, Ronaldo Soares, Chocolate e Fernando de Lima

Brilhou no céu
O ideal da liberdade
O país querendo ser feliz
Sonhou com a igualdade
Mas sem união e amor
Não dá pra melhorar
Os republicanos
Buscaram na França
Idéias pro Brasil mudar
E sem se importar
Com o apoio do povo
Poder queriam conquistar

Ordem e progresso tem que produzir

A união e fé (com muita fé)

Mas sem amor não vai construir

A integração que quer

O povo fez-se independente
"Caminhou"

Com muito amor fez a folia
E nossa cultura agitou
Se povo e governo pudessem brindar
Um elo de amor e paz
Na festa dos 500 anos
Não separar jamais

Sacode a cidade, levante o astral

É a Porto da Pedra nesse carnaval

Com ordem, progresso, amor e folia

Saudando o milênio, tudo é fantasia

G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro

Sou Rei, Sou Salgueiro, Meu Reinado é Brasileiro

Fernando Baster, J. C. Couto, João da Valsa, Touro e Wander Pires

Senhor, olhai por nós
Iluminai este momento
Os nossos corações
As emoções estão ao vento
Navegando o passado
Nas águas do meu pensamento
E hoje ...
A história vem mostrar
A transmigração da realeza
Chegando à Bahia, trazendo luxo e riqueza
E no Rio de Janeiro, a corte veio encontrar
No carioca maneiro, um povo festeiro a comemorar

Roda baiana bonita

Vem no balanço do mar

O teu sorriso clareia meu olhar

Mudando o rumo da economia, meu Rio seria
A grande atração comercial ... gira, gira, capital
Dom João está sorrindo
Curtindo seu reinado tropical
Nova estrutura, arte e cultura
E veio a coroação
Criou-se um legado de artistas
Que ao mundo encantou
E nessa caravela futurista
Sou mais um sambista, me leva que eu vou
Vou brincar com meu amor ...

Vou brincar com meu amor, eu vou que vou

Nessa viagem de alegria, Salgueiro eu sou

Parabéns, meu Brasil

Vem comigo, arrebenta bateria

G.R.E.S. Unidos da Tijuca

Terra dos Papagaios... Navegar Foi Preciso!!!

Henrique Badá , Jacy Inspiração e Édson de Oliveira

Brasil, Brasil, Brasil
Pra falar de ti em poesia
Folheando a história
No tenebroso mar da imaginação
Lembro que a viagem foi traçada
Calmaria fez mudar a direção
Hoje a Tijuca faz a festa
E mostra o valor dessa união

Caravelas ao mar, expedição
Obrigado Cabral, quanta emoção
Terra à vista !

O despontar dessa nação
O índio, a fauna, a flora
Paraíso de encanto e sedução
Nesse encontro com os portugueses
Um momento tão divino
Cada qual se fez irmão
Rezando a missa
Todo mundo em comunhão
Brasil tu já não és mais um menino
E seguindo o meu destino
Seja lá por onde for
Vou te redescobrimdo a cada dia
Na grandeza do teu povo
E no teu solo promissor
É lindo ver tremular
Bem alto o seu pavilhão
E repartir esta alegria com a multidão

Paz, amor e esperança
Uma voz anunciou
É chegada a nova era
Abençoada pelo Criador

G.R.E.S. Tradição

Liberdade! Sou Negro, Raça e Tradição

Lourenço e Aauto Magalha

Liberdade

Sou negro, raça e tradição

Vim de Angola da minha mãe África

Num navio negreiro clamando por Zambi,

Vim para um solo bonito e maneiro

Caí na senzala para trabalhar

Mas negro é forte, valente e guerreiro

Até hoje se ouve um lamento ecoar (ôôô)

ôôô...ôôô...ôôô...

Baiana, gira baiana

Dance pro seu orixá

Vamos firmar a kizomba

Fazer o povo sambar

Maracatu,

Maculelê e cavalhadas

Valeu Zumbi !

O negro é rei nas batucadas.

Na arte o negro encanta

Cultura tradicional

É resistência do samba

A alma do carnaval

Hoje é só felicidade

Negro quer comemorar

Parabéns pra você

Que foi descoberto em 22 de abril

Desperta gigante

Chegou tua hora

Pra frente Brasil

G.R.E.S. União da Ilha do Governador

Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores

Franco, Marquinhos do Banjo e Niva

Vou, eu vou que vou
Vou cantando em verso e prosa
Vou abrir meu coração
Vou me libertar no perfume desse mar,
Num mar de rosas
Vou das cinzas pra folia !
Minha arma é uma flor !
E vestido de alegria vou florir esta avenida
Pra falar de amor

Vem ! Vamos embora

Quem faz a hora bota o "bicho" para correr

Vem, vem, vem que tá na hora

A Ilha canta, não espera acontecer

Eu vou botar a boca no mundo
Pode até me censurar, mas a terra é do homem
Carcará é um pega, mata e come
Quem tem fé, na paz de Deus
E na mão que faz a guerra
Não vi, não sei! Se ouvi, neguei! Calei, mas resisti:
Num anjo, mãe de um querubim,
Nas guerrilhas do Pasquim
Caminhando e cantando, seguindo a canção
Voltei nas águas do refrão

Marcha soldado! Bate tambor!

Ôôô

Que o "barco da volta" chegou pra ficar!

Ai, iaiá!

Rasga no peito esse meu coração!

Meu amor!

Mais do que nunca é preciso cantar!

Ai, ioiô!

G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel

Academia Indígena de Letras - Sou Índio, eu Também Sou Imortal

Evandro Bocão, Serginho 20, Tito, Leonel e Ivan da Wanda

Ouvindo os murmúrios da cascata
A minha Vila foi pra mata
E ao voltar, canta o que tenho pra mostrar
A avenida vira aldeia, "Porto Seguro"
Pro azul e branco me exaltar
O samba e a alma de um povo
"Unidos" tal qual oração
Tupã abençoando essa união

Iara do Igarapé, meu coração é seu lugar

A proteção do meu pajé

Abre os caminhos para a Vila desfilar

Vi lá ... em harmonia com a floresta
Em canto, dança, caça e pesca
Respeito à criação de um Deus maior
Vi lá ... sabedoria em minha gente não letrada
Jaci iluminar a madrugada
Sublimes rituais e soluções medicinais
Vila querida !
Guerreira, tua coroa hoje é cocar
Cavaco é arco e flecha, "lança" nessa festa
Um rio de amor em pleno carnaval
Ao ver tanta cultura me faz tua pintura
Eu sou índio, eu também sou imortal

O meu tambor vai ecoar

A noite inteira

A tribo Brasil festeja o ano 2000

500 anos, a história brasileira

G.R.E.S. Unidos do Viradouro

Brasil: Visões de Paraísos e Infernos

Gilberto Gomes, Gustavo, Dadinho, PC Portugal e Mocotó

Na era medieval começa o meu carnaval
No paraíso eu me vesti de branco
E no "martírio eterno", o vermelho é meu manto
Navegando ao Oriente, "Seu" Cabral
O "Jardim das Delícias" descobriu
Seu Caminha escreveu o que ele viu
Maravilhas do Brasil
Bordunas, tacapes e Ajarés
Na dança o índio põe ao seus pés
Mas nascem idéias diversas, são mentes perversas
Não foi essa a lição dos pajés

Ire, ire, pra agba yê

O negro canta, o negro dança em liberdade

Ire, ire, pra agba yê

Pra agba yê, felicidade

Bem longe daqui, na festa da coroação
O negro africano, nos seus desenganos
Desfaz-se dos planos, pro branco explorar
Preso nas correntes da vida
São marcas que jamais esquecerá
Mas o tempo passou e a felicidade eu vejo brotar
Na luz da esperança, há paz e alegria
Pro Rei do universo abençoar

O dia vai raiar, amor, amor

Com a Viradouro eu vou, eu vou, eu vou

Meu canto de amor se espalha no ar

Quinhentos anos vamos festejar

A LIGA INDEPENDENTE

DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO

NAS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS

DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O texto a seguir marca o início de um trabalho que pretende incorporar o desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro nas comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

Às idéias lançadas aqui deverão se juntar o apoio histórico e bibliográfico da Comissão constituída pela LIESA e a colaboração e o entusiasmos dos responsáveis pela elaboração dos desfiles das agremiações. A união de todos em torno do objetivo de celebrarmos nosso país em seus 500 anos de história é fator fundamental para o sucesso deste projeto. Uma caminhada que se inicia aqui e que terá seu coroamento final na Passarela do Samba, durante o carnaval de 2000.

As comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil vão comandar grande parte da vida cultural do País no ano 2000. O Carnaval do Rio de Janeiro e, especialmente, o desfile das Grandes Escolas de Samba, não poderiam estar ausentes das celebrações. Não se trata de aderir a um projeto oficialista ou de transformar a temática do desfile num livro didático tradicional, assumindo uma feição demasiadamente acadêmica, mas de **integrar o grande desfile carioca à Celebração do Brasil** - motivada pela sua história ao longo dos últimos 500 anos.

Celebrar o Brasil significa celebrar o seu povo e a sua cultura, significa celebrar uma parcela importante da humanidade, semeada e desenvolvida nesta parte do Mundo, e cujas características revelam generosidade e tolerância, num convívio harmônico e inovador. Vamos aproveitar os 500 anos do Brasil para valorizar a sua história e a trajetória do seu povo. Afinal, como, afirmava o Professor Darcy Ribeiro:

"Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor,

porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra. ” [Ribeiro, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.449.]

Nessa direção é que são propostos os temas da História do Brasil, do período colonial à experiência republicana, procurando contemplar momentos da ocupação do território, de extração e produção de riquezas, da formação das cidades, de lutas pela liberdade, de construções civilizatórias e, enfim, de definição nacional.

Sendo assim, a LIESA se propõe a:

1. Integrar o desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial às Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil;
2. Tomar o V Centenário como motivação para a Celebração do Brasil, ao longo de sua História, desde a sua inserção como entidade real ou imaginária na cultura ocidental até os nossos dias;
3. Apresentar um elenco de temas históricos (do séc. XVI ao XX) para a elaboração dos enredos do desfile do ano 2000.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Por determinação de sua Presidência, A Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – LIESA – decidiu criar um grupo de trabalho com o objetivo de selecionar e sugerir temas da História do Brasil a serem desenvolvidos pelas escolas de samba do Grupo Especial em seus enredos comemorativos do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

O grupo de trabalho é composto por:

Afonso Carlos Marques dos Santos, Historiador, Doutor em História Social, Professor Titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Felipe Ferreira, Jornalista, Editor, Figurinista, Mestre em História da Arte, Professor da Escola de Belas Artes da UFRJ e Pesquisador de Cultura Popular.

Hiram Araújo, Pesquisador de Carnaval.

OS TEMAS

A intenção deste projeto é apresentar um painel de acontecimentos históricos o mais abrangente possível (**temas**) dos quais serão extraídos, posteriormente, 14 **enredos**, com o objetivo de comemorarmos os 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

Neste sentido foram selecionados 21 momentos básicos significativos da história do país, dos quais deverão se extraídos os 14 enredos.

A apresentação dos temas no desfile carnavalesco não obedecerá a ordem cronológica, uma vez que tal imposição iria reduzir a apresentação dos momentos de nossa História a uma sucessão seqüencial de fatos, confundindo o desfile com um livro didático. **Não** haverá, portanto, relação entre a seqüência cronológica dos fatos históricos e a ordem dos desfiles das escolas durante o carnaval.

A ordem de desfile das escolas de samba será decidida, posteriormente, de acordo com sistema e calendário preestabelecido pela LIESA.

A aparente simplicidade na apresentação dos 21 temas tem como objetivos evitar a imposição de enredos pré-elaborados e permitir que cada escola possa desenvolver enredo de sua livre criação, dentro das possibilidades temáticas apresentadas.

Na ocasião da apresentação do projeto, o Prof Afonso Carlos Marques dos Santos irá aprofundar cada um dos temas, demonstrando suas potencialidades como gerador de enredos.

Cada um dos 21 temas apresentados abrange incontáveis episódios a eles relacionados. Tais episódios, propositadamente não explicitados, serão identificados posteriormente em reuniões da Comissão com cada uma das escolas individualmente. Buscamos com isso preservar ao máximo a liberdade criativa dos carnavalescos, além de evitar a desnecessária divulgação prévia de possíveis enredos.

Com o objetivo é o de ampliar ao máximo a abrangência histórica dos enredos apresentados, cada escola de samba deverá optar por um dos temas propostos, não podendo haver duplicidade de temas.

Caso mais de uma escola tenha optado pelo mesmo tema, a decisão sobre qual delas deverá manter sua opção deverá ser feita por sistema de desempate a critério da LIESA.

A Comissão está aberta à avaliação de temas que não estejam relacionados na listagem fornecida. Este temas, entretanto, precisarão, necessariamente, estar em sintonia com a

propsta geral do projeto, que é a de celebrar, através de enredos abordando nossa história, os 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

A Comissão se coloca a disposição dos carnavalescos para apoiá-los na escolha dos temas e, posteriormente, na seleção e elaboração do enredo, sempre que solicitada, de acordo com cronograma anexo.

A orientação fornecida pela Comissão visará sempre a integração de cada enredo dentro dos objetivos do projeto, preservando-se, entretanto, a responsabilidade de cada carnavalesco quanto a sua apresentação final, durante o desfile.

A Comissão sugere e incentiva que cada escola se esforce para apresentar em algum momento de seu desfile uma homenagem direta aos 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

Não sendo uma imposição, tal homenagem ficará, entretanto a critério de cada escola.

Para o sucesso do projeto, é capital que cada escola compreenda a importância de sua participação e integração no conjunto do evento acatando as limitações mínimas criadas para manter integra a idéia de celebração de nossa história nas comemorações dos 500 anos do Brasil.

CRONOGRAMA

19/04/99

Apresentação do projeto. Exposição e aprofundamento dos temas.

De 20/04/99 a 30/04/99

Período de disponibilidade da Comissão para reuniões individuais com os carnavalescos com o objetivo de esclarecer ou detalhar os temas de seu interesse.

Durante estas reuniões a Comissão fornecerá o maior número possível de informações sobre os temas de interesse de cada carnavalesco, buscando sugerir abordagens de enredo, fontes de pesquisa e bibliografia.

03/05/99

Reunião de todas as escolas para definição dos temas que servirão de bases para seus enredos.

De 04/05/99 a 08/06/99

Período de disponibilidade da Comissão para reuniões individuais com os carnavalescos com o objetivo de apoiar e orientar a elaboração dos enredos.

09/06/99

Prazo final para entrega das sinopses dos enredos nas escolas

Seguem-se os temas que poderão ser abordados pelas escolas de samba em seus enredos:

1. **Os Primeiros Habitantes do Brasil.** O Brasil anterior aos descobrimentos. As culturas indígenas preexistentes e sua distribuição no território.
2. **A Descoberta da América Portuguesa.** A Carta de Pero Vaz de Caminha. A Primeira Missa no Brasil. O impacto do Descobrimento no imaginário europeu.
3. **Missionários na conquista dos índios e na disputa colonial.** A catequese e os conflitos com os bandeirantes.
4. **A Fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.** A afirmação da conquista portuguesa do litoral. As lutas entre os franceses. Os mitos da fundação.
5. **As lutas pela expulsão dos holandeses no Nordeste do Brasil.** Os heróis da insurreição. A Batalha de Guararapes.
6. **A Construção do Território do Brasil.** O papel das Bandeiras na Expansão Territorial. Do Tratado de Tordesilhas ao Tratado de Madri.
7. **Minas Gerais e Rio de Janeiro na luta pela liberdade.** As Conjurações de 1789 (MG) e 1794 (Rio de Janeiro).
8. **As lutas pela independência na Bahia.** Da Revolta dos Alfaiates (em 1789) à expulsão das tropas portuguesas no 2 de julho de 1823.
9. **A Corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808).** Abertura dos Portos. Elevação a Reino Unido (1815). Aclamação de D. João VI (1818). A Missão Artística Francesa (1816).

10. **A Confederação do Equador.** Pernambuco e as Províncias do Nordeste nas lutas pela Independência. A idéia republicana em 1817 e 1824.
11. **A Independência do Brasil.** A participação da Maçonaria. A Imprensa. A elaboração do Império do Brasil.
12. **As Rebeliões no Império: entre a unidade e a fragmentação.** A Cabanagem no Pará (1833-1836). A Balaiada no Maranhão (1838-1841). A Praieira em Pernambuco (1842-1849).
13. **A luta pelo Progresso e pela Civilização no Brasil do séc. XIX.** As grandes Exposições Nacionais e a participação do Brasil nas Exposições Internacionais.
14. **O Movimento Abolicionista e a luta pela abolição da escravatura.**
15. **A Proclamação da República.** A importância do Rio de Janeiro. A elaboração do imaginário republicano.
16. **O Rio Republicano e as grandes transformações urbanísticas.** O Bota-a-baixo. A derrubada do Morro do Castelo.
17. **A Crítica a República Velha.** A luta contra as oligarquias. O tenentismo. A Coluna Prestes. O Movimento Operário. O Modernismo.
18. **A Era Vargas.** A Revolução de 1930. O Estado Novo (1937). A redemocratização (1945). O Nacionalismo na política e na cultura.
19. **A Era do Desenvolvimentismo.** JK e JQ. A construção e a implantação da nova capital.
20. **O golpe de 1964 e os Anos de Chumbo.** A resistência política e cultural. A Ditadura.
21. **A Crise do Autoritarismo e a luta pelas Diretas Já.** A volta do povo às ruas no maior movimento político brasileiro.